

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO**

**Mayra Blaz Amorim**

**O Livro Indígena Infantil e a Trajetória da UK'A Editorial**

**2025**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO**

**MAYRA BLAZ AMORIM**

*Sob orientação de*  
**Aline Frederico**

Trabalho submetido como requisito parcial  
para obtenção do grau de **Bacharel em**  
**Comunicação Social - Editoração**, no  
Curso de Graduação em Comunicação  
social , habilitação em editoração da  
Universidade de São Paulo

São Paulo  
Fevereiro de 2025

## **ENCAMINHAMENTO**

Encaminhamos o presente Trabalho de Conclusão de Curso para que a Coordenação do Curso de Comunicação Social: Editoração tome as providências cabíveis para a avaliação do mesmo.

---

Mayra Blaz Amorim

---

Aline Frederico  
*Orientadora*

São Paulo, SP  
Fevereiro de 2025

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todos aqueles que são cheios de história para contar e que foram paulatinamente silenciados. Nada pode calar nossos corações.

## AGRADECIMENTO

A Jornada de uma graduação é sempre cheia de obstáculos, quanto mais o tempo passa, mais as urgências da vida cotidiana nos afasta do que nos alimenta a alma. Este trabalho, esta graduação e este conhecimento são, antes de mais nada, um gesto de rebeldia.

Agradeço imensamente aos meus cúmplices de jornada, todos aqueles que não se conformam e que querem participar de cada momento de mudança.

Aos meus pais, Cida e Moacir, por sempre oferecerem apoio, é incrível o que ter pra onde voltar pode fazer por uma pessoa.

Aos meus irmãos, Philipe e Melina, por fazerem parte, mesmo que distantes.

Aos meus sobrinhos, Raphael, Henrique e Patrick, pelas fotos fofas e estripulias contagiantes.

À minha família Ruralina, Paty, Rafo, Allan e Danilo, por me acompanharem na aventura para além da medicina veterinária.

À minha amiga mais workaholic Dani, ainda vamos ter um cat café com livraria, me aguarde!

À minha família multiespécie, Surpresinha, Pepê, Branquinho, Cyan, juninho, Pitico, Axl, Kiara, Menina, Mié (*in memoriam*), Preta (*in memoriam*), sem vocês, a pandemia poderia ter sido um ponto final.

À minha família dissidente, Gabriel, Lucca, Gui, Nyc, Nara, Lupe, Mica, Gi, Nara, Pi e Fer, a USP teria sido insuportável sem vocês.

Ao Daniel Munduruku, pela confiança e pelo presente da sua visão de mundo.

À Gabriela, pela cumplicidade, amor e parceria. Amo você.

## **EPÍGRAFE**

Para que minhas palavras sejam ouvidas longe da floresta,  
fiz com que fossem desenhadas na língua dos brancos.  
Talvez assim eles afinal as entendam, e depois deles seus filhos,  
e mais tarde ainda, os filhos de seus filhos.  
(Davi Kopenawa Yanomami, 2016)

## RESUMO

AMORIM, Mayra Blaz. O Livro Indígena Infantil e a Trajetória da UK'A Editorial. **Trabalho de Conclusão de Curso**, 2025, 58p. (Graduação em Comunicação Social - Editoração). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Fevereiro de 2025.

As relações entre os povos indígenas brasileiros e o Estado são historicamente marcadas pelo processo de aculturação e apagamento do modo de vida originário. Somente a partir da constituição de 1988, houve reconhecimento da diversidade cultural destes povos; E é a partir deste momento histórico que se inicia a articulação independente da arte indígena, sendo a literatura uma das expressões deste processo. A Literatura Indígena infantil é uma porta de entrada para as narrativas originárias e este é o enfoque que este trabalho apresenta, com um breve panorama sobre a história da Literatura Indígena brasileira, desde seus primeiros registros na década de 1970 até o protagonismo conquistado por autores indígenas na contemporaneidade.

A trajetória da UK'A Editorial complementa essa visão geral do processo editorial indígena nacional destacando sua importância como um instrumento de preservação cultural, resistência e representatividade. A autora, editora responsável pelo processo editorial global na UK'A Editorial analisa, ao longo do trabalho, os desafios enfrentados pelos povos originários para a preservação de suas tradições em um contexto marcado pela oralidade e pela imposição da escrita ocidental, apresentando as adaptações e adequações implementadas em cada fase do processo editorial.

A UK'A Editorial, fundada em 2010 como um braço do Instituto UK'A – Casa dos Saberes Ancestrais, é apresentada como um exemplo marcante de inovação e dedicação à valorização da cultura indígena. Inicialmente criada para atender à Lei 11.645/08, que tornou obrigatório o ensino da cultura indígena e afro-brasileira nas escolas, a editora consolidou-se como uma plataforma de publicação de obras de autores indígenas. Desde 2023, ao se tornar uma editora independente, a UK'A expandiu sua atuação no mercado editorial, participando de editais literários e alcançando maior visibilidade, inclusive no cenário internacional.

A UK'A Editorial desempenha um papel essencial no fortalecimento das vozes indígenas, contribuindo para a promoção da diversidade cultural e para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Orbis Pictus</i> Edição Tcheca de 2024.....	3
Figura 2 - <i>Onde Vivem os Monstros</i> , considerado o melhor livro infantil de todos os tempos.....	4
Figura 3 . <i>Apytama - Floresta de Histórias</i> - Kaká Werá.....	9
Figura 4 - Antes o Mundo Não Existia.....	10
Figura 5 - <i>Oré Awé Roiru'a ma: Todos as vezes que dissemos adeus</i> - Kaká Werá.....	11
Figura 6 - <i>Histórias de Índio</i> -Daniel Munduruku, Livro vencedor do prêmio Érico Vanucci Mendes de 2003.....	11
Figura 7 : <i>Aypapayū' ûm'ûm ekawen: Histórias dos antigos</i> .....	13
Figura 8: <i>Literatura Xacriabá</i> .....	14
Figura 9 : <i>Wamrêmé Za'ra: Mito e História do Povo Xavante</i> .....	15
Figura 10: Editoras que publicaram livros indígenas entre 2015-2020 (Nascimento 2022)....	20
Figura 11: Catálogo da UK'A Editorial.....	24
Figura 12: <i>O Olho Bom do Menino</i> - Daniel Munduruku.....	25
Figura 13 : <i>Das Coisas que Aprendi</i> - Daniel Munduruku.....	26
Figura 14: <i>Mundurukando 2</i> - Daniel Munduruku.....	27
Figura 15: <i>Coração na Aldeia, Pés no Mundo</i> - Auritha Tabajara.....	28
Figura 16 : <i>Mundurukando 1</i> - Daniel Munduruku.....	29
Figura 17: <i>O Lugar do Saber Ancestral</i> - Márcia Kambeba.....	30
Figura 18: <i>A Chave do Meu Sonho</i> - Daniel Munduruku.....	32
Figura 19: <i>Sawé , O Grito Ancestral</i> - Daniel Munduruku.....	33
Figura 20: <i>Abyayala Membyra Nhe'engara</i> - Eva Potiguara.....	34
Figura 21: <i>Minha Utopia Selvagem</i> - Daniel Munduruku.....	35
Figura 22: <i>Xamanismo Hoje</i> - Carlos Eduardo de Araújo.....	36
Figura 23: <i>Gaia Viva</i> - Eliakin Rufino.....	37
Figura 24: <i>Urutópiag</i> - Yaguarê Yamâ.....	38
Figura 25: <i>Quando Eu Caçava Tatu</i> - Tiago Nhadewa.....	39
Figura 26 : <i>Garimpo na Amazônia, Crime, Contaminação e Morte</i> .....	41
Figura 27 - <i>As Aventuras de Karaí tukumbó</i> - Djagwá Ka'agwy Kara'í Tukumbó.....	42
Figura 28: <i>Coração na Aldeia, Pés no Mundo</i> - Auritha Tabajara.....	43
Figura 29: <i>Das Coisas que Aprendi</i> - Daniel Munduruku e <i>O Lugar do Saber Ancestral</i> - Márcia Kambeba.....	43
Figura 30: Modelo de ficha catalográfica.....	45
Figura 31:Cartões de “ <i>Revelando os conhecimentos</i> ”. Os poemas dos alunos e seus desenhos ligam o texto no dialeto xakriabá ao texto no português padrão (Fonte: Lima,2012).....	47
Figura 32: Exemplo do teclado do Linklado.....	47
Figura 33: Exemplo de texto bilíngue.....	48
Figura 34 : <i>Ceuci - A Mãe do Pranto</i> - Cristino Wapichana.....	50

## SUMÁRIO

<b>1-INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2-OBJETIVOS.....</b>	<b>2</b>
<b>3-LITERATURA INFANTIL.....</b>	<b>2</b>
3.1 História do livro infantil.....	2
3.2 Oralidades.....	5
3.2.2 A Literatura Indígena.....	7
3.2.2.1. O Livro de Literatura Indígena no Brasil.....	9
3.2.3 A Literatura Indígena infantil como porta de entrada.....	15
3.2.4 Legislação e incentivo governamental à Literatura Indígena.....	16
3.2.4.1 Estatísticas de publicação indígena no Brasil.....	17
<b>4 UK'A EDITORIAL - UMA EDITORA INDÍGENA.....</b>	<b>22</b>
4.1 Introdução.....	22
4.2 Trajetória.....	23
4.3 O catálogo.....	24
4.3.1 Título: O Olho Bom do Menino.....	25
4.3.2 Título: Das Coisas que Aprendi.....	27
4.3.3 Título: Mundurukando 2.....	28
4.3.4 Título: Coração na Aldeia, Pés no Mundo.....	29
4.3.5 Título: Mundurukando 1.....	30
4.3.6 Título: O Lugar do Saber Ancestral.....	31
4.3.7 Título: A Chave do Meu Sonho.....	32
4.3.8 Título: Sawé - O Grito Ancestral.....	33
4.3.9 Título: Aby Ayala Membyra Nhe'engara - Cânticos de uma filha da terra.....	35
4.3.10 Título: Minha Utopia Selvagem.....	36
4.3.11 Título: Xamanismo Hoje.....	37
4.3.12 Título: Gaia Viva.....	38
4.3.13 Título: Urutópiag-A Espiritualidade Amazônica.....	39
4.3.14 Título: Quando Eu Caçava Tatu.....	40
4.3.15 Título: Garimpo de Ouro na Amazônia – Crime, Contaminação e Morte.....	41
4.3.16 Título: As Aventuras de Karaí Tukumbó - O Canto da Coruja e o Amuleto Sagrado...	42
4.4 Editais.....	43
4.5 Processos editoriais.....	45
4.5.1 Colofão.....	45
4.5.2 Ficha catalográfica.....	45
4.5.3 Revisão de texto.....	46
4.5.4 Seleção de originais.....	47
4.5.5 Adequação da grafia.....	47
4.5.5.1 Textos bilíngues.....	48
4.5.6 Traduções transculturais.....	49
4.5.7 Ilustração.....	50

4.5.8 Tempo e autoria.....	51
4.5.9 Diagramação, design e gráfica.....	52
4.6 Feiras e eventos literários.....	52
4.7 Vendas.....	53
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>54</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>55</b>

## **1-INTRODUÇÃO**

Assumir o cargo de editora na UK'A Editorial trouxe a necessidade de pesquisar a fundo o processo de construção do livro indígena e de desenvolver ferramentas, este trabalho traz uma revisão bibliográfica dos registros históricos das publicações originárias brasileiras com ênfase no livro indígena infantil e um breve comparativo com o histórico clássico do mesmo escopo, na segunda parte é apresentada a UK'A Editorial com enfoques em cada processo editorial.

O livro indígena brasileiro é um objeto relativamente novo, considerando que seu primeiro exemplar data da década de 1970 e sua primeira aparição em editoras comerciais se deu somente na década de 1990, após a promulgação da constituição cidadã de 1988.(Jacob,2023) Os povos originários brasileiros são ágrafos em sua existência pré colonização e somente foram introduzidos à palavra escrita no objeto livro através da catequização jesuítica e da escola de modelo europeu.(Graúna,2013)

Por muito tempo, as etnias indígenas viram o livro como algo estrangeiro e que não os contemplava, visto que valorizavam a própria cultura baseada em oralidades, porém nas últimas décadas, o número de autores e publicações indígenas cresceu exponencialmente, demonstrando o compromisso dos autores e coletivos indígenas na preservação e perpetuação das culturas originárias.(Jacob,2023)

Vítimas de um genocídio volumoso a partir de 1500 e ainda lidando com questões de racismo, demarcação de terras e proteção do modo de vida, a Literatura Indígena é ato político de resistência e o livro indígena uma de suas ferramentas.

A maior parte destas primeiras publicações foi feita por ONGs e financiamento público, mas da década de 1990 aos dias atuais, as publicações feitas por casas editoriais do mercado formal foram timidamente avançando, tendo Daniel Munduruku como pioneiro e o maior expoente, principalmente no que tange a literatura infantil e infanto - juvenil indígena.

O modo de fazer livros colonial não alcança a necessidade originária de contar histórias, As narrativas são compostas por pausas, grafismos, ilustrações, grafias, sons e tempo de produção adequado para culturas cujo próprio conceito de tempo difere gritantemente do tempo ocidental capitalista.

Este trabalho abordará a importância do livro indígena infantil e a trajetória da UK'A Editorial. Será apresentado um panorama geral sobre a relevância da Literatura Indígena na

formação das crianças, além da contextualização histórica e cultural do tema, destacando a necessidade de valorização e divulgação da cultura e identidade indígena por meio da literatura e como a UK’A nasceu e vem se desenvolvendo no cenário editorial.

## **2-OBJETIVOS**

O objetivo deste trabalho é traçar um panorama histórico sobre o livro e a Literatura Indígena brasileira, focando no viés da literatura infantil e exemplificando com a origem e evolução pioneira da UK’A Editorial, uma editora que publica exclusivamente autores indígenas e é coordenada por Daniel Munduruku.

Daniel Munduruku é graduado em Filosofia, História e Psicologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), possui mestrado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), e doutorado em Educação pela mesma instituição. Além disso, concluiu seu pós-doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), ampliando seu espectro de conhecimento e pesquisa e é autor de mais de 65 livros, além de imensamente premiado.

A contextualização do tema começará com uma análise dos primórdios da literatura infantil, passando para o cenário atual da literatura infantil indígena, ressaltando a escassez de materiais disponíveis e a importância de proporcionar às crianças o acesso a obras que valorizem a cultura dos povos originários. Serão apresentados dados e informações relevantes que contribuem para a compreensão da importância da temática e a necessidade de promover a diversidade cultural desde a infância, por meio de publicações que representem e respeitem as tradições indígenas.

## **3-LITERATURA INFANTIL**

### **3.1 História do livro infantil**

A história do livro infantil é vasta e tem origem na oralidade. Os primeiros registros de histórias feitas especificamente para o público infantil, se confundem com a própria criação

do conceito de infância e tem alguns séculos. Estas narrativas são compostas por fábulas e contos populares transmitidos oralmente. Na Antiguidade, contos orais como as fábulas de Esopo foram os precursores das histórias com lições morais, já na Idade Média, os livros eram raros, mas os textos de escopo religioso e didáticos começaram a ser utilizados para ensinar as crianças.(Hunt,1995)

Com a invenção da imprensa, no século XV, começaram a surgir os livros explicitamente infantis, sendo o "Orbis Pictus", de 1658, em pleno Renascimento, considerado um dos primeiros livros ilustrados para crianças.

É importante salientar, que a história do livro infantil, na qual está baseado este trabalho, é a história do livro ocidental, que é inicialmente a história do livro europeu. Este continente também teve suas populações originárias perpetuando a cultura através da história oral e o advento do livro propiciou o registro de tais relatos, além de trazer a Bíblia, o maior sucesso editorial de todos os tempos, à popularização que vemos até os dias atuais.

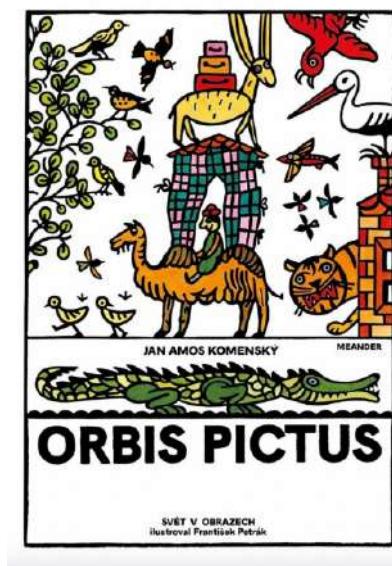


Figura 1 - *Orbis Pictus* Edição Tcheca de 2024

Os irmãos Grimm e Hans Christian Andersen foram responsáveis pela popularização dos contos de fadas no século XIX, seus livros repletos de histórias moralizantes e imaginativas. Com o tempo, temas cotidianos invadiram as páginas, dando holofote para histórias repletas de aventuras e fantasias, como as histórias de Lewis Carroll e as aventuras de Peter Pan, de J.M. Barrie.

Temas mais complexos e emocionais foram explorados ao longo do século XX, tendo como expoentes autores como Roald Dahl e Astrid Lindgren, cujo prêmio em seu nome é um dos mais prestigiosos da literatura. A consagração dos livros infantis ilustrados, como os de Eric Carle e Maurice Sendak, consolidou o gênero, tornando a leitura uma experiência visual e interativa.



Figura 2 - Onde Vivem os Monstros, considerado o melhor livro infantil de todos os tempos

Na atualidade, a literatura infantil abrange uma ampla gama de estilos e temas, desde livros ilustrados até romances juvenis, e continua a desempenhar um papel vital na educação e no desenvolvimento emocional de jovens e adultos. Através das histórias, valores culturais são transmitidos e cimentados, sendo uma ótima porta de entrada para a formação do leitor e para a inserção na sociedade. O movimento de educação progressiva incentivou o uso da literatura infantil como ferramenta de aprendizado e em busca de promover inclusão e respeito à diversidade, a literatura infantil contemporânea busca representar diferentes culturas, etnias e experiências. O surgimento de livros digitais e aplicativos interativos trouxe ainda mais formas de contar histórias, engajando as crianças de maneiras inovadoras.

O livro infantil é, hoje, uma ferramenta valiosíssima para ampliar o alcance das histórias, atuando na multiplicação de realidades e dando visibilidade à diversidade étnica e cultural; é, também, uma obra de arte e alcança todas as idades.

### 3.2 Oralidades

É possível dizer que toda a história do livro infantil tem origem na oralidade, sendo o objeto livro muito recente em comparação à tradição humana de contar histórias para crianças e adultos.

Muitas das fábulas hoje conhecidas, foram disseminadas oralmente; Essas narrativas passavam de geração em geração, adaptando-se ao contexto cultural e social. Sendo o ensino moral um dos objetivos principais delas, ensinavam as crianças como proceder na sociedade.

Contos de diferentes culturas, como os da tradição africana, indígena e europeia, foram transmitidos oralmente, refletindo as experiências e as identidades de cada povo.

A contação de histórias envolvia a participação ativa do público, criando uma experiência comunitária. As crianças eram incentivadas a interagir, fazendo perguntas e contribuindo com suas próprias ideias. (Shavinia, 2013)

A invenção da imprensa trouxe uma transição massiva para a escrita e o registro das histórias antes contadas de boca-a-boca, foi popularizado; Isso ajudou a preservar a tradição, mas também mudou a forma como as histórias eram contadas, tornando-as menos adaptáveis.

A escrita trouxe a ideia de autoria. Embora muitos livros infantis sejam baseados em tradições orais, a autoria individual começou a ganhar destaque. Nesse contexto, a escrita indígena ganha ressignificação a partir da oralidade, que é a forma original da transmissão dos saberes indígenas. Sendo assim, as alcunhas referenciais não são gerais e sim, de povos específicos, sendo cada comunidade única em suas organizações e literatura.

Daniel Munduruku tece críticas à Literatura Indígena produzida, atualmente, no Brasil, no escopo exclusivo da comunicação:

O que posso falar sobre a Literatura indígena que se faz hoje no Brasil é que há uma profunda contradição entre oralidade e escrita. Não é possível falar da literatura produzida por pessoas de tradição ágrafo sem antes apresentá-las, para que se entenda o grau de dificuldade que temos nas relações com sociedades que valorizam as letras como um dos principais meios de comunicação e expressão. Isso às vezes faz com que essas mesmas sociedades dediquem muito tempo à leitura e se esqueçam de fazer a leitura do tempo, rejeitando, assim, outras formas de leitura e escrita produzidas há muitos séculos por sociedades tradicionais (Munduruku, 2020).

A valorização da oralidade é algo essencial, sendo a prática reflexo cultural e ferramenta principal utilizada para valorizar culturas e conectar as pessoas às suas raízes.

A contação de histórias orais desenvolve habilidades linguísticas, criatividade e empatia nas pessoas, promovendo vínculos sociais e interações fundamentais para o desenvolvimento emocional e cognitivo.

A oralidade não só moldou a literatura infantil, mas continua a influenciá-la, ressaltando a importância da narrativa na formação da identidade e no aprendizado das crianças.

Leda Maria Martins cunhou em 1997 o termo “ oralitura, matizando neste termo a singular inscrição do registro oral que, como littera, letra, grafa o sujeito no território narratário e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de litura, rasura da linguagem, alteração significante, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas.”(p.23)

No contexto brasileiro, o registro literário indígena se refere especificamente às expressões culturais das diversas etnias indígenas que habitam o país. Essa literatura é uma parte importante da riqueza cultural do Brasil e tem ganhado destaque na promoção da diversidade e no reconhecimento das vozes e perspectivas originárias. Autores consagrados, como Daniel Munduruku e Auritha Tabajara têm contribuído para trazer as narrativas para um público mais amplo e promover a valorização dessas tradições, publicando suas obras e compartilhando suas perspectivas únicas.

### **3.2.1. A palavra escrita como difusora e perpetuadora da cultura**

A palavra escrita desempenha um papel crucial como difusora e perpetuadora da cultura, funcionando como um meio de registrar, compartilhar e preservar conhecimentos e tradições. Vivemos em uma sociedade onde a cultura escrita se traduz como um modo de organização social , promovendo a circulação de valores, costumes e conhecimento. A escrita não é uma simples transcrição da fala, ela é um processo cultural e deve refletir o discurso e os saberes daquele que a utiliza.

Segundo Olson (1997) e Auroux (1998) o conceito de escrita tem implicações intelectuais e sociais. Olson (1997) acredita que o surgimento da cultura escrita como processo histórico tenha modificado radicalmente as atividades humanas e as formas culturais. Essas mudanças caracterizam-se por alterações nas formas psicológicas, formas de representação e formas de consciência A escrita, historicamente, transformou a mente e a sociedade e, mais particularmente, a ideia de que a aquisição da cultura escrita foi o principal fator no desenvolvimento intelectual, linguístico e social. (Olson, 1997).

A escrita permite que eventos, ideias e conhecimentos sejam registrados de forma duradoura, contribuindo para a manutenção da memória coletiva de uma sociedade, permitindo que futuras gerações aprendam com o passado. Muitas culturas têm utilizado da escrita para perpetuar suas histórias, mitologias e práticas, sendo especialmente importante para minorias e culturas marginalizadas, cujo uso do registro escrito pode ser usado para disputar narrativas e preservar a cultura.

A palavra escrita, portanto, não é apenas um meio de comunicação, mas um pilar fundamental para a construção e a perpetuação da cultura, desempenhando um papel vital na formação da identidade individual e coletiva.

### **3.2.2 A Literatura Indígena**

A escritora Graça Graúna, do povo Potiguara, cita em seu livro *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*:

Na distinção entre literatura indígena e indigenista feita por Mariátegui, a primeira refere-se “à produção intelectual e artística realizada pelos índios, conforme seus próprios meios e códigos, [a segunda implica a] vasta criatividade que, com base em outras posições sociais e culturais [no lado ‘ocidental’] busca informar sobre o universo e o homem indígenas.” Assim, a literatura de brancos sobre índios é chamada de indigenista, enquanto que a literatura feita por índios é indígena, ou nativa.

A produção indígena é realizada pelos índios segundo seu modo particular de discurso. As obras indígenas, voltadas para o público infanto-juvenil e para o público maduro, apresentam uma interação multimodal: a leitura da palavra impressa interage com a leitura das ilustrações, com a percepção de desenhos geométricos, de elementos rítmicos e performáticos.

Os grafismos indígenas constituem narrativas e devem ser valorizados por sua especificidade, podendo inclusive indicar a autoria do texto indígena, seja coletiva/ancestral ou individual (Thié, 2013,).

É notório que a particularidade presente na Literatura Indígena, inclusive de acordo com as definições supracitadas, é o que a define enquanto estrutura do pensamento indígena, tornando-a, assim, diferente da literatura ocidental.

“A autoria surge, como núcleo caracterizador do movimento estético-literário-político indígena brasileiro, percebendo e afirmando o sujeito indígena no centro dele” (Dorrico, 2018).

Sendo assim, a Literatura indígena é para os povos originários um ato de resistência, visto que saíram da oralidade para entrar na escrita, além de ser considerada, também, um dos meios de interlocução atemporal, lugar em que expressam seus conhecimentos, informam sobre quem são, sobre suas culturas e tradições etc. Nesse contexto, outra definição aponta a Literatura Nativa:

“como instrumento político que, aliado ao movimento indígena brasileiro, se constitui e se vincula pública, política e culturalmente como crítica da cultura, desafequização da mente e reorientação do olhar, a partir do próprio protagonismo indígena” (Dorrico, 2018).

A Literatura Indígena é um campo rico e diversificado que reflete as culturas, histórias e tradições dos povos indígenas, frequentemente começa na forma oral, com mitos, lendas e contos que são passados de geração em geração. Essas histórias muitas vezes explicam a origem do mundo, fenômenos naturais e práticas culturais.

Com a colonização e a introdução da escrita, o registro de perspectivas, histórias e experiências foi iniciado por muitos autores indígenas. Autores nacionais, como Daniel Munduruku, a canadense Lee Maracle e o norte-americano N. Scott Momaday têm contribuído significativamente para a Literatura Indígena contemporânea, explorando temas como identidade, resistência e a relação com a terra.

Existem centenas de culturas indígenas ao redor do mundo, cada uma com suas próprias histórias, estilos e formas de expressão. A Literatura Originária é um reflexo dessa diversidade. Algumas obras são escritas nas línguas nativas, promovendo a valorização e preservação dessas línguas.

Nos últimos anos, houve um crescente reconhecimento da Literatura Indígena nas esferas acadêmica e literária, com prêmios e eventos dedicados a autores indígenas. No prêmio Jabuti de 2024, a obra *Apytama - Floresta de Histórias* com textos indígenas e organizada por um indígena foi contemplada na categoria literatura juvenil; Foi organizada por Kaká Werá e com textos de Daniel Munduruku, Kaká Werá, Cristina Wapichana, Ademario Ribeiro Payayá, Tiago Hakiy; e também de representantes das gerações mais jovens e de grande talento como Edson Kaiapó, Auritha Tabajara, Trudruá Dorrico e Márcia Kambeba, confirmado a tendência apresentada.

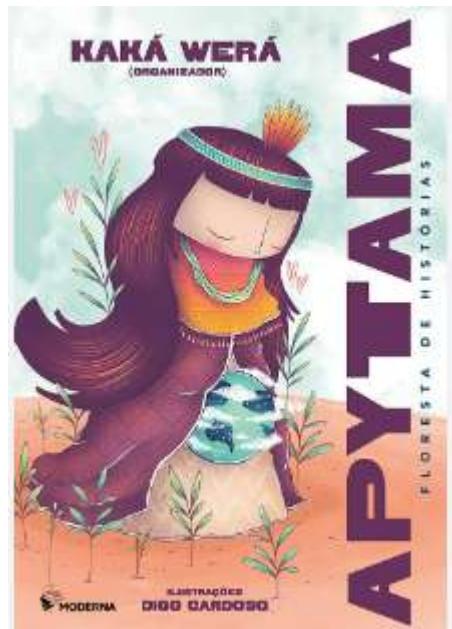


Figura 3 . Apytama - Floresta de Histórias Kaká Werá

A Literatura Indígena é, portanto, uma forma poderosa de expressão cultural,ativismo e posicionamento político, que não só preserva tradições, mas também aborda questões contemporâneas e promove a resistência e a resiliência dos povos indígenas.

### 3.2.2.1. O Livro de Literatura Indígena no Brasil

A partir da década de 1970 surgiram as primeiras publicações indígenas brasileiras, ainda no contexto da ditadura militar, nesta década, surgem organizações e movimentos que defendem os direitos e os interesses dos povos indígenas. Ressaltamos, assim, a União das Nações Indígenas (UNI), uma das primeiras articulações do movimento, constituída por jovens estudantes indígenas.

“Era a primeira vez que os povos indígenas podiam propor uma verdadeira política que tinha uma identidade própria [...] (Munduruku, 2013).

Aponta-se, também, a figura da mulher indígena em destaque na política e na literatura. Para tanto, em 1975, Eliane Potiguara, escritora indígena, ao escrever o poema “Identidade Indígena”, marcou o início do movimento literário indígena contemporâneo no Brasil. Na década de 80, temos o primeiro livro publicado por autores indígenas, chamado *Antes o mundo não existia*, de Umusi Parokumu e Toramu Kehri, do povo Desana.

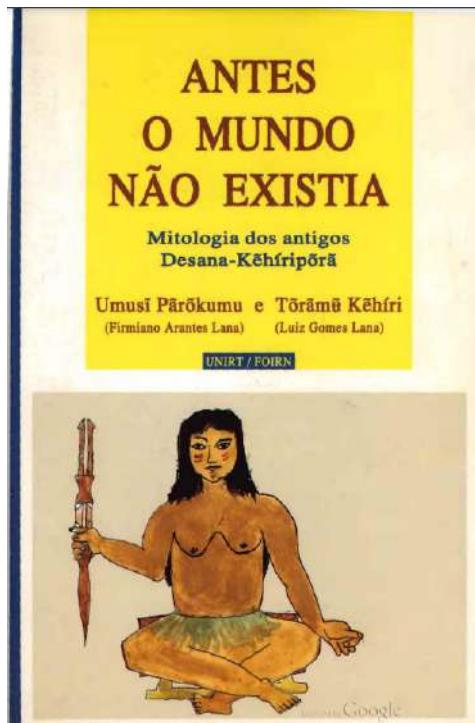


Figura 4 - *Antes o Mundo Não Existia*

A Literatura indígena brasileira contemporânea está marcada pela atuação direta dos escritores/autores, pela voz e pela letra, na publicização do pensamento indígena em livros/CDs/mídias sociais. Diante da pluralidade de pertenças étnicas, de estilísticas que perpassam a oralidade e a escrita alfábética, os sujeitos indígenas enunciam sua voz e/ou sua letra em um movimento de auto expressão e auto valorização de suas ancestralidades e costumes, bem como na dinâmica de resistência física, lutando pela demarcação de suas terras, e de resistência simbólica, reivindicando uma revisão dos registros oficiais que os escantearam [...] (Dorrico, 2018).

A partir dessas representações indígenas, os anos de 1990 foram assinalados não só por uma nova conduta dentro do movimento indígena, que deliberava as promessas recém aprovadas pela constituição de 1988 em prol dos direitos dos povos indígenas. O período ganhou destaque especialmente porque, nessa década, a produção indígena, na forma escrita, teve seu apogeu e eclodiu para a sociedade não indígena. O primeiro livro publicado nesse período por autores indígenas foi o livro *Oré Awé Roiru'a ma: Todas as vezes que dissemos adeus*, do autor Kaká Werá Jecupé.(Graúna,2013)

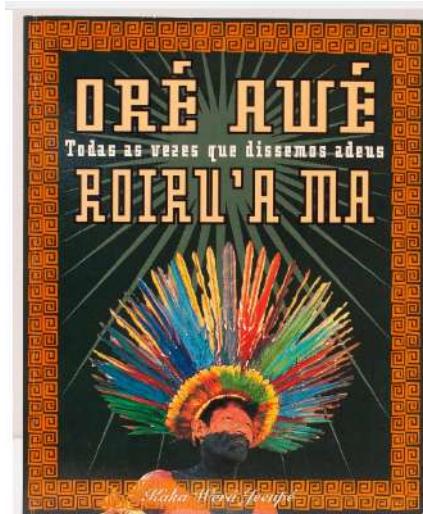


Figura 5 - *Oré Awé Roiuru'a ma: Todas as vezes que dissemos adeus* - Kaká Werá

No entanto, a expansão do que chamamos de Literatura Indígena brasileira contemporânea deu-se a partir da publicação do livro *Histórias de índio*, do escritor Daniel Munduruku, em 1996, sendo considerado o pioneiro da Literatura Indígena contemporânea no Brasil.(Jacob,2023)

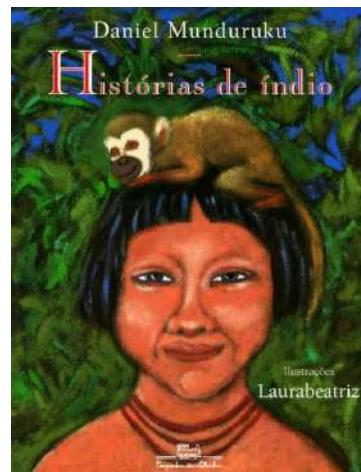


Figura 6 - *Histórias de Índio* -Daniel Munduruku Livro vencedor do prêmio Érico Vanucci Mendes de 2003

Nos anos subsequentes, mais significativamente, a partir do ano 2000/2002, os textos de autoria indígena tiveram um crescimento maior, tendo recebido premiações no Brasil e no Exterior. Essas premiações foram fundamentais para que o mercado editorial enxergasse de alguma forma um potencial econômico benéfico, além de contribuir para a expansão dessa literatura.

Outro fator importante para o crescimento da literatura de autoria indígena no mercado editorial brasileiro foi a promulgação da Lei nº 11.645, em 10 de março de 2008 (BRASIL, 2008), trazendo uma nova alteração à LDB com o propósito de inserir no currículo da rede de ensino a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. A lei, assim como outras, é considerada primordial em ações afirmativas de reparação à memória e à cultura dos povos indígenas, enquanto pilares fundamentais da base étnica brasileira. Compreende-se que tal lei acabou contribuindo muito para o reconhecimento dos escritores indígenas no âmbito nacional, além da possibilidade de alcançarem maior visibilidade.

No final dos anos 1970, vários livros de autoria indígena foram produzidos e publicados no Brasil. Esses primeiros livros foram frutos de pesquisas realizadas por professores indígenas em formação e têm como objetivo principal serem utilizados como material didático nas escolas indígenas. A produção desses livros envolveu a coleta de histórias e conhecimentos dos mais velhos das comunidades, que foram então transcritos, traduzidos e ilustrados. Amanda Machado Alves de Lima em sua obra *O livro indígena e suas múltiplas grafias*(2012) , discute como esses livros se traduzem em registros gráficos e textuais que mantêm a oralidade, a historicidade e a cultura dos povos indígenas. A partir destes livros definiu-se o livro indígena como obra escrita por indígenas.

A publicação de livros pelos próprios indígenas têm seu primeiro marco em 1978, com o lançamento de *Aypapayū' ūm'ūm ekawen: Histórias dos antigos*. Essa publicação registra várias histórias importantes do povo Munduruku, e também tem uma parte dedicada aos vários tipos de instrumentos musicais ancestrais; ela é organizada em três volumes em língua munduruku e em português.

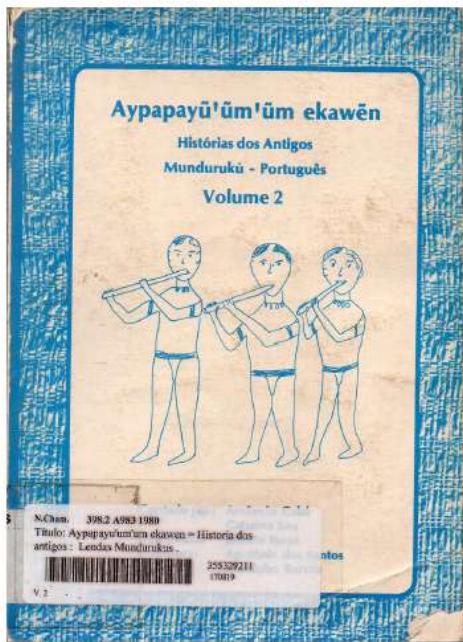


Figura 7 :Aypapayū' ūm' ūm ekawēn: Histórias dos antigos

Para os povos originários, a escrita vem se tornando uma ferramenta poderosa para registrar e divulgar suas histórias, tradições e reivindicações. A escrita e a publicação de livros permitem que os conhecimentos tradicionais sejam preservados e transmitidos para as futuras gerações, além de fortalecerem a identidade cultural desses povos.

As primeiras produções de livros indígenas foram parte de um processo coletivo que envolveu a participação de vários membros da comunidade. Esse processo incluiu a gravação de histórias, a transcrição e tradução dos textos, a criação de ilustrações e a montagem do projeto gráfico. A presença de artistas gráficos foi essencial para garantir que a informação fornecida pelos autores fosse apresentada da maneira mais adequada possível.

Desde os primórdios estes livros apresentaram uma variedade de grafias, incluindo textos alfabeticos, desenhos, grafismos e fotografias. Essas grafias sempre foram parte indissociável para a comunicação e a significação dos conteúdos dos livros, tornando-os acessíveis a um público mais amplo, mesmo para aqueles que não dominam a língua escrita ou o idioma indígena.

Com efeito, na obra de Amanda Machado de Lima, três projetos gráficos interessantíssimos são discutidos como exemplo destas primeiras publicações, são eles: *Literatura Xacriabá*(2005), *Ija mā'ē kō* do povo Wajapi(2009), e *Wamrêmé Za'ra: Mito e História do*

*Povo Xavante*(1998). Cada um desses livros demonstra diferentes estratégias de tratamento textual e projetos gráficos que buscam preservar a oralidade e a identidade cultural dos povos indígenas.



Figura 8: *Literatura Xacriabá*

A produção de livros de autoria indígena é uma iniciativa importante para a valorização e preservação das culturas indígenas no Brasil. Esses livros não apenas registram e divulgam conhecimentos tradicionais, mas também fortalecem a identidade cultural dos povos indígenas e promovem o respeito e a autonomia perante a sociedade nacional.

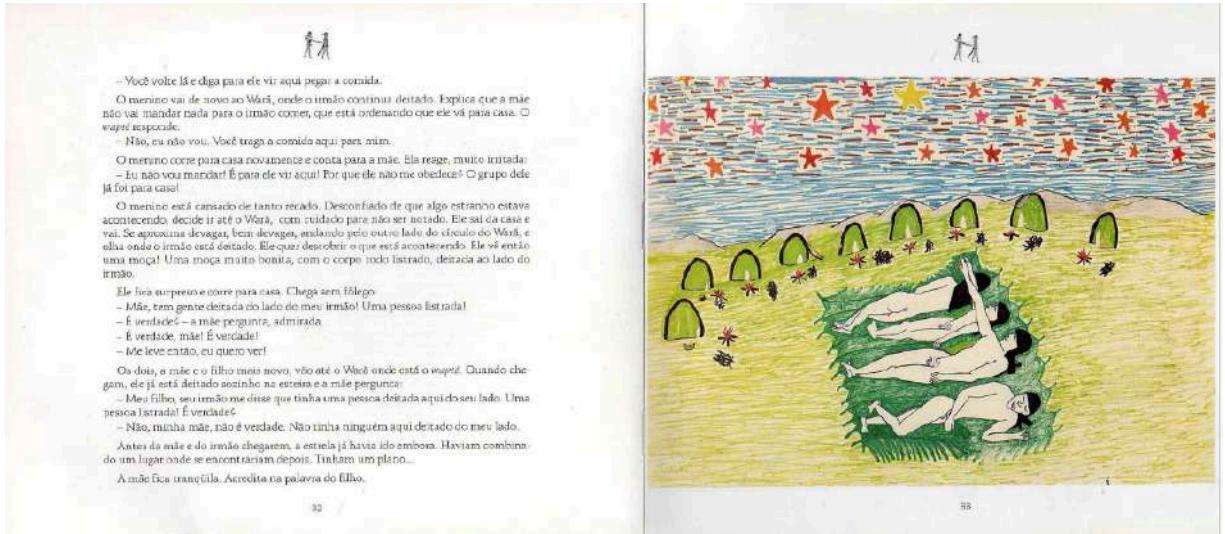


Figura 9 :Wamrêmé Za'ra: Mito e História do Povo Xavante.

### 3.2.3 A Literatura Indígena infantil como porta de entrada

A Literatura Indígena infantil tem se consolidado como uma porta de entrada importante no mercado editorial, trazendo não apenas histórias, mas também a valorização da cultura indígena e a promoção da diversidade.

Considerada ainda uma literatura “menor”, a literatura infantil não oferece tanta resistência às narrativas indígenas, mesmo que a maioria delas seja erroneamente classificadas como “mitos e lendas”

A Literatura Indígena infantil oferece representatividade para crianças indígenas, ajudando-as a se verem refletidas nas histórias. Isso é crucial para a construção da identidade cultural, a cosmovisão, os ensinamentos sobre sustentabilidade e natureza e as noções de vida comunitária harmônica que estão tão altamente em demanda nos dias de hoje.

Há um crescente interesse do mercado por literatura que reflete a diversidade cultural do Brasil. Editoras estão buscando histórias que não apenas entretenham, mas que também eduquem e promovam a empatia.

A visibilidade proporcionada pela literatura pode apoiar movimentos sociais e iniciativas de direitos indígenas, ajudando a sensibilizar a sociedade em geral. Festivais e feiras literárias têm incluído sessões dedicadas à literatura indígena, promovendo a troca de ideias e o

fomento a novos talentos e é fundamental que as histórias sejam contadas por autores indígenas para garantir autenticidade e respeito à cultura.

O desenvolvimento do mercado deve ser acompanhado de apoio às comunidades indígenas e suas práticas culturais, evitando a apropriação indevida e respeitando o modo de produção de literatura dos povos originários.

A Literatura Indígena infantil não apenas enriquece o mercado editorial, mas também desempenha um papel vital na educação e na promoção da diversidade cultural, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

### **3.2.4 Legislação e incentivo governamental à Literatura Indígena**

A legislação e os incentivos governamentais têm desempenhado um papel crucial na valorização e preservação da Literatura Indígena no Brasil. A Constituição de 1988 assegura aos povos indígenas o direito à identidade cultural, protegendo suas línguas e tradições. Esse marco jurídico estabelece a base para ações que promovam expressões artísticas e culturais, incluindo a literatura indígena.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) reforça essa valorização ao reconhecer a importância de ensinar a cultura indígena nas escolas, incentivando a inclusão de obras literárias produzidas por autores indígenas nos currículos. Além disso, a Lei 11.645/08, que altera a Lei 9.394/96, determina a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena em escolas públicas e privadas, abrangendo aspectos históricos, culturais, sociais e econômicos. Essa legislação enfatiza a importância da Literatura Indígena como ferramenta para resgatar as contribuições desses povos na formação da sociedade brasileira.

Já o Estatuto do Índio, embora concebido em 1973, considerado desatualizado, traz elementos que buscam proteger as culturas indígenas. Apesar de suas limitações, ele pode ser interpretado como uma base para incentivar o fortalecimento de expressões artísticas e literárias desses povos.

No campo dos incentivos governamentais, programas de fomento têm sido implementados para apoiar a produção e a divulgação da Literatura Indígena. Editais específicos para autores indígenas, ações promovidas pelo Ministério da Cultura e iniciativas do Instituto Brasileiro de

Museus (IBRAM) são exemplos de esforços que visam ampliar a visibilidade dessa produção cultural.

No âmbito educacional, a inclusão de livros indígenas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a implementação do PNLD Equidade para o ano de 2025, representam um avanço significativo. Embora não exista uma obrigatoriedade explícita, as diretrizes do PNLD incentivam a promoção da diversidade cultural, recomendando obras que refletem a pluralidade da sociedade brasileira. Livros de autores indígenas têm ganhado espaço nas listas de literatura infantil e juvenil, contribuindo para uma educação mais representativa.

Parcerias entre o governo, ONGs e instituições educacionais têm fortalecido iniciativas como a educação bilíngue, que integra a Literatura Indígena como ferramenta para preservar línguas e culturas tradicionais. Oficinas de escrita, contação de histórias e programas educacionais em escolas indígenas também fomentam a produção literária e incentivam a formação de novos autores.

Apesar dos avanços, ainda há desafios. Muitos escritores indígenas enfrentam dificuldades de acesso a recursos e visibilidade no mercado editorial. A representatividade real depende de políticas que garantam a autonomia dos povos indígenas sobre suas narrativas e expressões culturais.

O futuro exige políticas culturais sustentáveis, que não apenas financiem, mas também respeitem e valorizem a diversidade indígena. A sensibilização da sociedade e a formação de educadores para lidar com essas obras em sala de aula são fundamentais. Assim, a Literatura Indígena pode ocupar o espaço que merece na educação e na cultura brasileira, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e consciente de suas raízes.

### **3.2.4.1 Estatísticas de publicação indígena no Brasil**

A publicação indígena no Brasil está em um momento de transformação, com avanços significativos, mas também enfrentando desafios persistentes. Nos últimos anos, o número de autores indígenas que publicam suas obras tem aumentado, especialmente na literatura infantil e juvenil.

Além da literatura infantil, há um crescimento na publicação de ensaios, poesias e narrativas que abordam temas contemporâneos, identidade e resistência. Esses gêneros oferecem uma

plataforma para que os autores discutam questões sociais e políticas relevantes às suas comunidades, ampliando o diálogo sobre a diversidade cultural no Brasil.(Graúna,2013)

A participação crescente de autores indígenas em feiras de livros e eventos literários é um passo importante para aumentar a visibilidade de suas obras. No entanto, ainda faltam estatísticas detalhadas sobre vendas e tiragens, o que dificulta uma análise mais precisa do impacto dessas publicações.

Algumas editoras brasileiras, como a Editora Ubu com a publicação de *O desejo dos outros – Uma etnografia dos sonhos yanomami*(2022) de Hanna Limulja e a Companhia das Letras com diversas publicações, como *Nós:Uma Antologia de Literatura Indígena*(2019) e *Sou Indígena*(2024) de Cláudia A, Flor D' Maria, têm desempenhado um papel crucial ao publicar obras de autores indígenas. Essas editoras ajudam a dar visibilidade a vozes que, de outra forma, poderiam permanecer marginalizadas no mercado editorial tradicional. No entanto, o apoio institucional e o incentivo de programas governamentais e de organizações não governamentais são fundamentais para sustentar esse movimento. Embora existam esforços para promover a Literatura Indígena, os dados sobre quantidades de publicações podem variar a cada ano, refletindo a natureza dinâmica e, por vezes, instável desses incentivos.

Apesar do crescimento, a Literatura Indígena enfrenta dificuldades para competir no mercado editorial tradicional. Muitos autores ainda lutam para ter suas obras publicadas, e a falta de apoio para a produção e distribuição limita a quantidade de publicações. Essa situação ressalta a necessidade de um apoio institucional mais robusto e de uma maior sensibilização da sociedade para a importância da Literatura Indígena.

A produção literária indígena é essencial não apenas para a preservação da cultura, mas também como uma forma de resistência e afirmação identitária. Ela oferece uma perspectiva única que enriquece o panorama literário brasileiro, destacando a diversidade e a riqueza das culturas indígenas.

Roní Nascimento em sua obra *Mapeamento de escritores indígenas na literatura brasileira contemporânea (2015 a 2020)*(2023) obteve um levantamento de 160 editoras em todas as regiões e 1 (uma) livraria, contendo as publicações indígenas. Entre seus resultados ela obteve os seguintes dados: as editoras que publicaram obras de autoria indígena sem informar o período de publicação são : Autêntica, Peirópolis, Callis, Panda Books, Appris, Edelbra e Jujuba. A região Sudeste teve o maior número de editoras comerciais que se interessaram em publicar e comercializar obras de autoria indígena, tendo publicado 29 (vinte e nove) obras no período de 2015 a 2020.

São Paulo foi considerado o Estado com maior número de editoras, entre privadas e públicas, tendo publicado e comercializado obras de autoria indígena tanto de ficção como de não ficção, seja no período pesquisado, anos anteriores e posteriores à pesquisa.

As editoras privadas que publicaram obras de autoria indígena de ficção e não ficção, no período de 2015 a 2020, foram :

Editora	Ficção	Não ficção	Localização
Panda Books	3		SP
Callis	1	1	SP
Biruta	1	1	SP
Jandaíra	2	1	SP
FTD	1		SP
Formato	2	1	SP
Melhoramento	2		SP
Companhia das letras	1	1	SP
Brasil	1		SP
Kazuá	3		SP
SESC	1		SP
Expressão Popular	1		SP
Criadeira Livros	1		SP
UK'A Editorial	2	1	SP
Peirópolis		1	SP
Zit	1		RJ

Pachamama	2	2	RJ
Autografia		1	RJ
Escrita Fina		1	RJ
Dantes		1	RJ
Autêntica	2		MG
Caos e Letras	1		MG
Edelbra	2	1	RS
Edebê	2	1	DF
Valer	1	1	AM

Figura 10:Editoras que publicaram livros indígenas entre 2015-2020 (Nascimento 2022)

O cenário editorial da Literatura Indígena no Brasil apresenta uma distribuição geográfica e mercadológica que reflete tanto desafios quanto oportunidades. As regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste, que abrigam a maioria dos povos indígenas, paradoxalmente, são as áreas com menor presença de mercado para a Literatura Indígena. Isso pode ser atribuído a uma série de fatores, incluindo a concentração de recursos editoriais e de distribuição em outras regiões do país.

A região Sudeste, embora não abrigue uma grande população indígena, demonstra um interesse crescente pela Literatura Indígena. A região Sul, similarmente, não possui uma grande população indígena, o que também se reflete na sua produção editorial.

Apesar dessas limitações, algumas editoras e livrarias se destacam por seu compromisso com a Literatura Indígena contemporânea. A livraria on-line Maracá, por exemplo, é especializada em obras de autoria indígena e se dedica exclusivamente à comercialização dessas obras. Isso a torna um ponto importante de difusão cultural e literária, contribuindo para a visibilidade dos autores indígenas.

A editora e livraria Pachamama, idealizada por Aline Rochedo Pachamama, uma escritora indígena, também desempenha um papel crucial na promoção dessa Literatura. Junto com a UK'A Editorial, coordenada pelo escritor indígena Daniel Munduruku, essas iniciativas não

apenas publicam, mas também comercializam obras de autoria indígena. A UK'a Editorial está ligada ao Instituto UK'A – Casa dos Saberes Ancestrais, fortalecendo a conexão entre a produção literária e os saberes tradicionais.

Essas editoras e livrarias estão na vanguarda de uma nova cultura literária que, gradualmente, se distancia da tradição erudita dominante, abrindo espaço para novas perspectivas na literatura brasileira contemporânea. Elas desempenham um papel vital na amplificação das vozes indígenas, promovendo uma literatura que é rica em diversidade cultural e que oferece novas narrativas e visões ao público brasileiro.

Esse movimento não apenas enriquece o panorama literário do país, mas também desafia as estruturas tradicionais do mercado editorial, promovendo uma inclusão maior de vozes indígenas no diálogo cultural nacional. É um processo contínuo que requer apoio e reconhecimento para que essas vozes possam alcançar um público mais amplo e diversificado.

## 4 UK’A EDITORIAL - UMA EDITORA INDÍGENA

### 4.1 Introdução

Buscar o conhecimento sobre o passado histórico, compartilhando saberes e aprendizados, é um ato essencial para os povos indígenas. A experiência dos anciãos, memória viva de suas comunidades, inspira gerações na afirmação de suas identidades étnicas. Essa vivência vai além de um resgate cultural, sendo também uma luta por direitos que beneficiem toda a coletividade. A identidade e a cultura indígenas encontram no território seu eixo sagrado, um espaço onde saberes econômicos, socioculturais e políticos se entrelaçam profundamente.

A Literatura Indígena tem ganhado força como ferramenta de expressão e resistência cultural. Um marco importante nesse contexto foi a criação do Selo UK’A Editorial, que nasceu com o objetivo de difundir os saberes indígenas por meio da publicação de livros. Durante o evento de inauguração do selo, o Diretor Presidente destacou a relevância de uma instituição dedicada a esse propósito, reforçando também a importância de preparar educadores para abordar a temática indígena de maneira inclusiva e sensível. Nesse mesmo evento, Daniel Munduruku lançou sua obra *Mundurukando*, destacando que o selo não se limitaria a publicar apenas autores indígenas, mas se abriria a obras que retratam o universo indígena em toda sua riqueza.

*Mundurukando* foi apresentado como um livro que reúne reflexões do autor em suas participações em palestras e eventos literários. Daniel explicou que a escolha do título surgiu do desejo de criar um termo que remetesse ao movimento e à essência do pensamento indígena. Enquanto os gregos "filosofavam", os Munduruku, segundo ele, "mundurukam".

O evento de lançamento contou também com um sarau lítero-musical, onde Cristino Wapichana emocionou o público com seus cantos, e Naine Terena e Marcos Terena compartilharam suas palavras e poesias. O público interagiu com perguntas e celebrou o momento em uma sessão de autógrafos. O evento não foi apenas um marco editorial, mas uma celebração da riqueza cultural dos povos indígenas.

A UK’A Editorial, mais do que uma editora, tornou-se uma ponte entre as narrativas indígenas e a sociedade. Seu compromisso é dar visibilidade às vozes indígenas, publicando obras autênticas que trazem diferentes perspectivas e gêneros, como literatura infantil, contos,

ensaios e poesias. Além disso, a editora se engaja em projetos educativos, colaborando com escolas e comunidades para conscientizar sobre a importância das culturas indígenas.

Embora enfrente os desafios do mercado editorial, como a necessidade de maior visibilidade e espaço para a Literatura Indígena, a UK'A Editorial é um exemplo de resistência e inovação. Por meio de suas publicações, eventos e parcerias, ela reafirma a importância de reconhecer e valorizar as narrativas dos povos indígenas, promovendo um diálogo que enriquece a diversidade cultural do Brasil.

## 4.2 Trajetória

A UK'A Editorial nasceu em dezembro de 2010 como um dos braços do Instituto UK'A – Casa dos Saberes Ancestrais. Essa iniciativa foi criada por um grupo de profissionais indígenas e não indígenas com o propósito de atender à Lei 11.645/08, que tornou obrigatória a inclusão da temática indígena e afro-brasileira no currículo escolar brasileiro. Definido como uma OSCIP(Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) sem fins lucrativos, o Instituto tem como missão promover a valorização e o entendimento das culturas indígenas, reforçando sua importância na formação da identidade nacional e sua contribuição contínua para a sociedade brasileira.

Desde sua fundação, o Instituto UK'A se dedicou a ações de caráter educativo e cultural. Seus objetivos incluem a capacitação de gestores, educadores e estudantes para a aplicação consciente da Lei 11.645/08, a realização de pesquisas e a organização de materiais sobre a temática indígena, além de promover eventos como cursos, seminários e debates. Outras iniciativas contemplam a criação de uma biblioteca especializada, a organização de festivais culturais e programas de incentivo à leitura de obras indígenas. O foco central é disseminar a consciência da presença indígena na formação do Brasil, valorizando suas culturas e saberes.

As ações do Instituto são organizadas em programas específicos. O programa UK'A Educacional, por exemplo, oferecia cursos presenciais para educadores, abordando temas relacionados às culturas indígenas, com metodologias como mesas-redondas, seminários e debates. Embora a proposta seja promissora, entraves como a localização da sede, em Lorena-SP, limitam a realização de atividades em maior escala.

Já o programa UK'A Virtual buscava alcançar um público mais amplo por meio de cursos online, uma biblioteca digital e uma livraria virtual. Embora algumas dessas iniciativas não

tenham sido totalmente consolidadas, a Livraria Maracá assumiu o papel de oferecer títulos indígenas de forma acessível, e o blog do Instituto permanece ativo.

O segmento UK’A Literária, por outro lado, destacou-se com atividades como saraus, mesas temáticas e programas de incentivo à leitura, tornando-se referência na promoção da Literatura Indígena. Da mesma forma, o programa UK’A Cultural continuou ativo, organizando exposições, mostras culturais e eventos que promovem a arte e a cultura indígena em diversos estados do Brasil.

Dentro do Instituto, a UK’A Editorial surgiu como um selo dedicado à publicação de livros e materiais pedagógicos sobre a temática indígena. Durante 13 anos, o selo operou sob a curadoria de Daniel Munduruku, utilizando serviços editoriais terceirizados. Em julho de 2023, a UK’A Editorial se desmembrou do Instituto, tornando-se uma editora independente. Essa mudança buscou ampliar seu alcance e atender a editais literários com maior autonomia. Desde então, a editora tem investido na produção de obras totalmente indígenas, valorizando ilustradores e autores originários, enquanto se prepara para seu primeiro lançamento internacional.

A UK’A Editorial também alcançou novos patamares em 2023, participando ativamente de editais literários. Apesar de seu foco predominante em obras infantis e infanto-juvenis, a editora tem como objetivo amplificar todas as vozes indígenas, consolidando seu papel como uma ponte entre a riqueza cultural dos povos originários e a sociedade contemporânea.

Atualmente a editora preza por publicações indígenas em sua totalidade, construindo um perfil de ilustradores também indígenas, que corroboram com a essência étnica de suas publicações e está com o primeiro lançamento internacional nos seus últimos retoques.

#### **4.3 O catálogo**

Desenvolvido em 2023, o catálogo da editora traz toda sua trajetória.

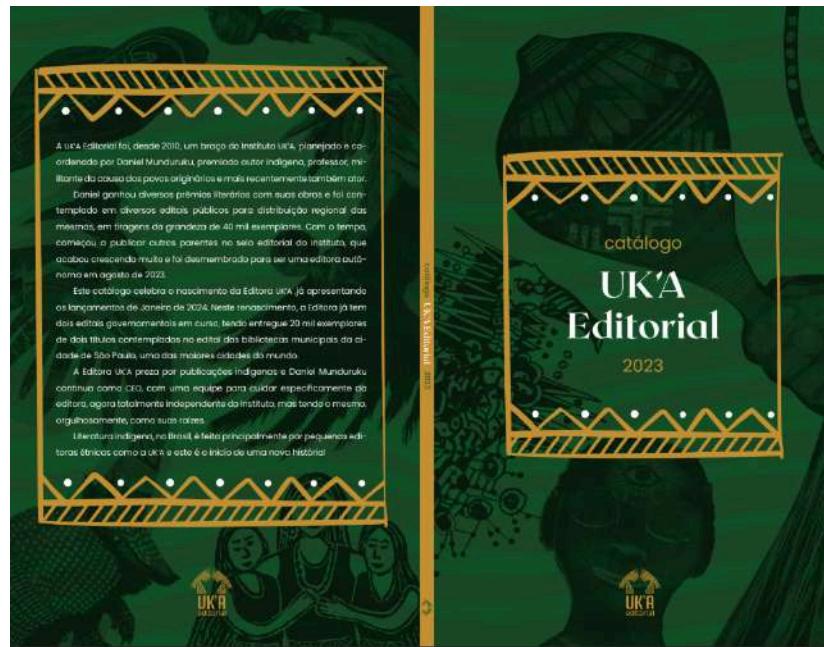


Figura 11: Catálogo da UK'A Editorial

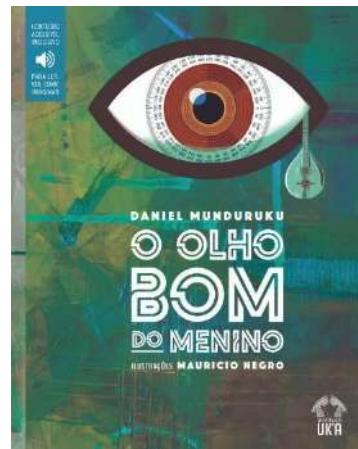


Figura 12: *O Olho Bom do Menino* - Daniel Munduruku

#### 4.3.1 Título: *O Olho Bom do Menino*

Autor: Daniel Munduruku

Ilustrador: Maurício Negro

Edição: 2

Ano: 2007

ISBN 9788564045125

Formato: 19 x 24 cm , capa dura

Resumo: “O olho bom do menino é uma história que nos ajuda a refletir sobre a existência a partir de um contraponto ao qual nem sempre estamos acostumados: a escuridão. Mas não se trata de uma escuridão que deva nos meter medo. Ao contrário, é para nos remeter aos nossos ‘olhos ancestrais’ a fim de que possamos adentrar ao nosso espírito.

Se posso dar um conselho a quem entrar em contato com esta obra é: Feche os olhos! Esta é a única forma de conseguirmos compreender a complexidade de ter o sentido da visão, mas só termos acesso ao nosso ser quando o deixamos se revelar a nós. Estar de olhos fechados – ainda que tenhamos sua luz – é um importante antídoto contra a cegueira que persegue nossa existência. Ouvir o protagonista desta história é uma forma de exercitarmos nossa humildade, combatermos nossa arrogância e aprendermos com outros olhos”.

*Daniel Munduruku*

A obra possui versão acessível em audiolivro

Público: infantil +7anos

Categoria: Ficção

Tema: 1. Crianças com deficiência visual – Condições sociais. 2. Integração social

Prêmio: Ganhador do Prêmio ABL de Literatura Infantil, em 2008, oferecido pela Academia Brasileira de Letras.

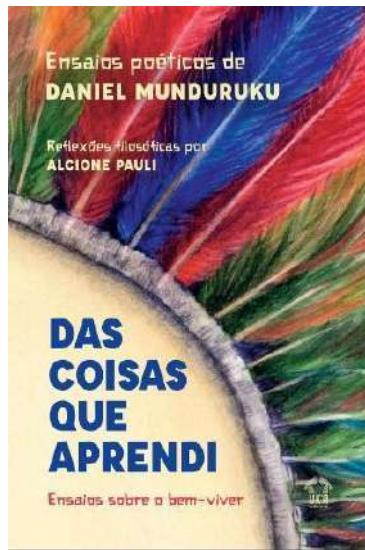


Figura 13 : *Das Coisas que Aprendi* - Daniel Munduruku

4.3.2 Título: *Das Coisas que Aprendi*

Autor: Daniel Munduruku

Edição: 3

Ano: 2014

ISBN 9788564045118

Formato: 14x21 cm, brochura

Resumo: “*Um passeio pela alma ancestral*”

Em “Das coisas que aprendi: ensaios poéticos sobre o bem-viver” Daniel Munduruku reúne reflexões que acumulou ao longo de sua jornada como pensador, escritor, filósofo, indígena e contador de histórias. As reflexões filosóficas de Alcione Pauli colocam em perspectiva as obras de Daniel Munduruku, situando sua importância para a literatura indígena, contextualizando os possíveis e diversos ensinamentos que o autor semeia em sua trajetória.

Público: Juvenil. Educadores.

Categoria: Crônicas.

Tema: 1. Indígenas da América do Sul – Brasil – Biografia. 2. Crônicas. 3. Memórias.

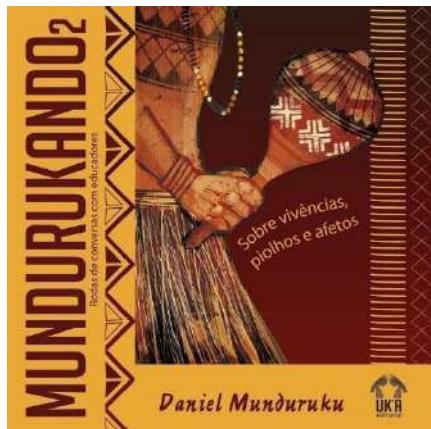


Figura 14: *Mundurukando 2* - Daniel Munduruku

4.3.3 Título: *Mundurukando 2*

Autor: Daniel Munduruku

Ano: 2017

ISBN 9788564045071

Formato: 19x19 cm Capa dura

Resumo: Em Mundurukando 2, Daniel Munduruku revisita a história do Brasil, contando como a nossa sociedade via e ainda vê os povos indígenas e o que aconteceu com eles desde a chegada dos portugueses no Brasil até os tempos atuais.

Além disso, ele, mais uma vez, brinda o leitor com a sabedoria indígena das histórias aprendidas em sua infância e de histórias que aconteceram com ele próprio. Fala de preconceito e extermínio, mas também conta histórias cheias de reflexões e poesia.

Esta conversa sobre vivências, piolhos e afetos também nos apresenta muitas dicas de filmes e livros que abordam os povos indígenas sob vários aspectos, proporcionando a ampliação de nossa visão e o conhecimento da cultura desses povos.

Público: Educadores.

Categoria: Educação.

Tema: 1. Povos indígenas – Brasil 2. Povos indígenas – Cultura 3. Povos indígenas – Educação

Selo Altamente Recomendável FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil)



Figura 15: *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* - Auritha Tabajara

4.3.4 Título: *Coração na Aldeia, Pés no Mundo*

Autora: Auritha Tabajara

Ilustradora: Regina Drozina

Edição: 1

Ano: 2018

ISBN 9788564045101

Formato: 19 x 25 cm brochura

Resumo: Em seu primeiro livro, a cordelista Auritha Tabajara, se utiliza da força da palavra para ganhar o mundo. Em sua jornada a força da mulher nordestina, indígena, sonhadora e guerreira se encontram com a sutileza poética, característica da autora. Ilustrado com xilogravuras de Regina Drozina, esta preciosa obra chega ao público através do selo UK'A Editorial, reforçando seu compromisso com a literatura indígena contemporânea.

Público: Infanto-juvenil

Categoria: Memórias e biografias. Mulheres.

Tema: 1. Literatura brasileira 2. Literatura de cordel 3. Poesia brasileira.

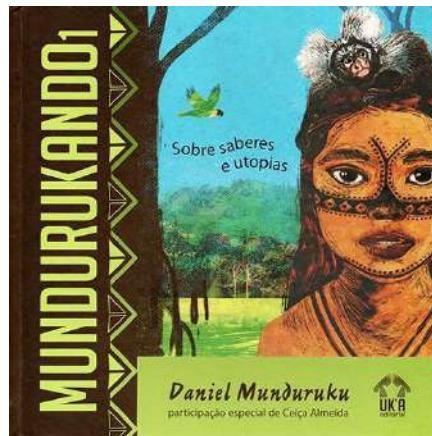


Figura 16 : *Mundurukando 1* -Daniel Munduruku

4.3.5 Título: *Mundurukando 1*

Autor: Daniel Munduruku

Edição: 2

Ano: 2020

ISBN 9786599128202

Formato: 19x19cm , capa dura

Resumo: Professores são donos do conhecimento. Educadores são mediadores.

Professores são profissionais do ensino. Educadores fazem do ensino um estímulo para seu crescimento pessoal.

Professores usam a palavra como instrumento. Educadores usam o silêncio.

Professores batem as mãos na mesa. Educadores batem o pé no chão.

Professores são muitos. Educadores são um.

O educador tem os pés no chão, mas sua cabeça está sempre nas alturas, porque acredita que quem está à sua frente não é um cliente esperando para ser atendido, mas uma pessoa aguardando orientações para seguir seus passos. Essa é a razão de ser do educador. Essa é sua esperança. E, para isso, o educador precisa ser inteiro, precisa ser completo, precisa estar em sintonia consigo mesmo e com o universo.

Daniel Munduruku nos apresenta, neste volume, ensaios, entrevistas, artigos e pensamentos que o têm transformado em um dos principais pensadores indígenas do Brasil. Mundurukando 1 – sobre saberes e utopias é um verdadeiro passeio pela nossa alma ancestral.

Público: Educadores.

Categoria: Educação.

Tema: 1. Indígenas da América do Sul – Brasil – Educação. 2. Indígenas da América do Sul – Brasil – Usos e costumes. 3. Indígenas Munduruku. 4. Conhecimento tradicional associado.

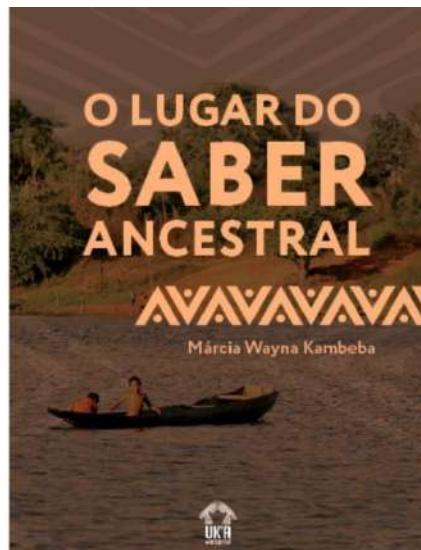


Figura 17: *O Lugar do Saber Ancestral* - Márcia Kambeba

4.3.6 Título: *O Lugar do Saber Ancestral*

Autora: Márcia Wayna Kambeba

Edição: 2

Ano: 2021

ISBN 9786599128219

Formato: 12,5x17 cm, brochura

Resumo: Márcia Wayna Kambeba é daquelas lideranças que fazem tremer o chão. Com olhar firme, posicionamentos claros e uma postura determinada na música e na escrita, leva adiante

a luta dos povos indígenas do Brasil. Os Kambebas (também conhecidos como Omáguas) habitam, geralmente, a região da Amazônia brasileira e peruana. Em meados do século XVIII, sofrendo forte repressão das frentes contra indígenas que avançavam pela Amazônia, deixaram de identificar-se como indígenas Kambebas em razão de um processo de branqueamento sociocultural ou de aglutinação e miscigenação a outras etnias majoritárias. A partir da década de 1980, com a organização do movimento indígena, retomaram seu processo de auto identificação, organizando suas demandas por terras e reconhecimento étnico. É nesse contexto e nas habilidades de Márcia que se inscreve *O lugar do saber ancestral*, obra composta por uma poesia fluida, dinâmica e prazerosa para todos. Aqui, leitoras e leitores são convidados a uma viagem ao universo amazônico, diretamente ao coração daquele lugar que representa o foco de toda a educação, toda a vida, toda a aprendizagem dos indígenas: a comunidade.

Público: Jovens e adultos.

Categoria: Educação. Mulheres.

Tema: 1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira.



Figura 18: *A Chave do Meu Sonho* - Daniel Munduruku

4.3.7 Título: *A Chave do Meu Sonho*

Autor: Daniel Munduruku

Ilustração: Rita Carelli

Edição: 1

Ano: 2021

ISBN 9786599128226

Formato: 21x14 cm

Resumo: Ele nasceu filho do cacique da aldeia. Seus irmãos foram treinados para a arte da guerra. Mas ele tinha um dom – que o abençoou e o amaldiçoou – levando-o ao mundo dos pajés. Conheça a história desse jovem indígena que narra seu caminho em busca de seu destino. Em uma jornada de autoconhecimento guiada por dois grandes mestres, ele conhece seus sonhos e viaja em meio aos segredos e mistérios de sua existência.

Público: Literatura infanto-juvenil +14 anos

Categoria: Ficção.

Tema: 1. Indígenas da América do Sul.

Selo Altamente Recomendável FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil)

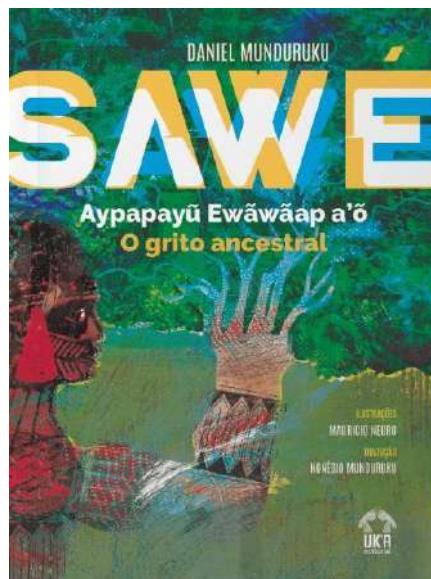


Figura 19: *Sawé, O Grito Ancestral* - Daniel Munduruku

4.3.8 Título: *Sawé - O Grito Ancestral*

Autor: Daniel Munduruku

Ilustrador: Maurício Negro

Edição: 1

Ano: 2022

ISBN 9786599128288

Formato: Brochura 21 x 27,5 cm, brochura

Resumo: Nosso povo está muito triste porque homens maus estão acabando com a terra que o Senhor nos deu de presente. Estamos precisando de sua ajuda para que possamos continuar vivos.

Edição bilíngue português-br/ munduruku.

Público: infantil

Tema: 1. Indígenas da América do Sul – Literatura infanto-juvenil brasileira.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa interinstitucional e recebeu apoio da Fundação Oswaldo Cruz/ Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas/Programa de Políticas Públicas e Modelos de Atenção e Gestão em Saúde – Fiocruz/VPPCB/PMA.

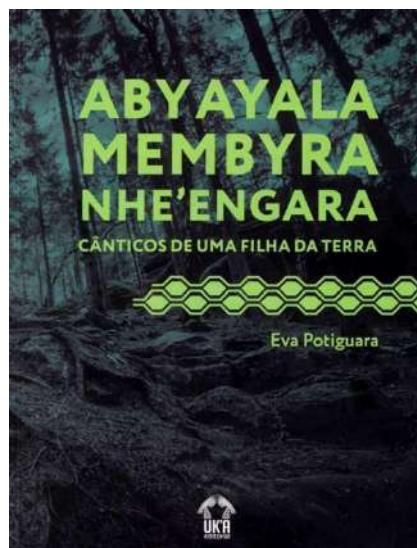


Figura 20: *Abyayala Membyra Nhe'engara* - Eva Potiguara

4.3.9 Título: *Aby Ayala Membyra Nhe'engara - Cânticos de uma filha da terra*

Autora: Eva Potiguara

Edição: 1

Ano: 2022

ISBN 9785699128271

Formato: 12,5x17 cm , brochura

Resumo: “Apesar de ser uma intérprete da dor, as poesias de Eva transformam desespero em esperança; transformam dor em amor; transformam negação em rebeldia e desnudam, para o leitor, a possibilidade de construirmos um mundo mais humano e, equânime, capaz de acolher as diferenças e fazer delas o ponto de união entre os povos, entre os seres e entre os saberes.

Ouvir-ler os poemas de Eva Potiguara é descortinar o caminho a ser percorrido, mas também é um bálsamo capaz de abrir nossos olhos para o novo, para o outro, para nós. Desejo que a leitura deste livro tenha causado ao leitor e à leitora a mesma sensação de sublimação que despertou em mim”.

(Trecho do posfácio escrito por Daniel Munduruku)

Público: Jovens e adultos

Categoria: Mulheres.

Tema: 1. Indígenas da América do Sul – Brasil – Poesia. 2. Poesia brasileira. 3. Literatura brasileira.

Semifinalista do prêmio Jabuti 2023



Figura 21: *Minha Utopia Selvagem* - Daniel Munduruku

4.3.10 Título: *Minha Utopia Selvagem*

Autor: Daniel Munduruku

Edição: 1

Ano: 2022

ISBN 9786599128240

Formato: 15 x 11 cm , brochura

Resumo: Utopia selvagem ou a invenção do Brasil que nós queremos: essa é a missão conferida pelo Darcy brasileiro nas letras do maior contador de histórias das Índias Brasis. Como quem faz literatura, Daniel Munduruku apresenta o Brasil dos brasileiros. Em seu manifesto, pode-se ouvir os ecos de Mário Juruna em protesto. Para além de Getúlio, Jango e Brizola, Daniel sinaliza que inventar o Brasil do presente é fazê-lo com base em um Estado plurinacional. Uma nação de muitas nações, de todas as cores, das diversidades, berço esplêndido daquele que fez o Tapajós desaguar no Paraíba, e da antiga Guaypacaré, seu bem viver. É chegada a hora de realizar a esperança como projeto, um nacionalismo originário que, pela pedagogia do pertencimento, pode ensinar nossa brava gente a ser mais brasileira.

Raphael Crespo

Público: Adultos.

Categoria: Memórias e biografias.

Tema: 1. Crônicas brasileiras. 2. Literatura brasileira

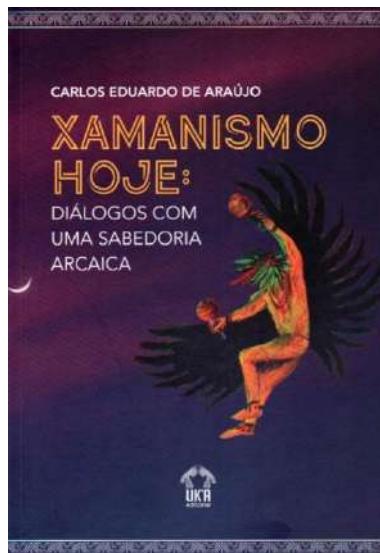


Figura 22: *Xamanismo Hoje* - Carlos Eduardo de Araújo

4.3.11 Título: *Xamanismo Hoje*

Autor: Carlos Eduardo de Araújo

Edição: 1

Ano: 2022

ISBN 9786599128257

Formato: 24 x 11 cm , brochura

Resumo: Originariamente uma tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, este livro constroi uma reflexão a respeito do que o xamanismo fala ao mundo sobre o homem, a natureza, a nossa civilização e a vida, e, principalmente, o que seus saberes têm a nos ensinar diante da barbárie humana contra a natureza; barbárie que destroi a nós mesmos. O xamanismo passou a ser, para Cadu Araujo, o sinônimo de uma cosmoética a ser imitada, repetida e cultivada. Um modo de ver em cada coisa um ser sagrado, fruto da comunhão, da solidariedade e da fraternidade. Essa é a base de um pensamento xamânico que se conjuga com o pensamento

complexo, alinhando-se às ideias de Edgar Morin e se conectando aos saberes da tradição como reservas antropológicas de conhecimentos plurais, conforme sugerido por Conceição Almeida.

Público: Adultos.

Categoria: Espiritualidade.

Tema: 1. Xamanismo. 2. Indígenas da América do Sul – Brasil – Religião e mitologia. 3. Espiritualidade



Figura 23: *Gaia Viva* - Eliakin Rufino

4.3.12 Título: *Gaia Viva*

Autor: Eliakin Rufino

Ilustração: Graça Lima

Edição: 1

Ano: 2022

ISBN 9786599128295

Formato: 21 x 29 cm, brochura

Resumo: Gaia, nossa Mãe-Terra, ganha mais vida nas ilustrações de Graça Lima; respira mais poesia nas palavras de Eliakin Rufino. Este livro é um convite para admirarmos e refletirmos sobre o planeta, sobre a natureza, sobre nós.

Público: Infantil.

Categoria: Espiritualidade. Poesia.

Tema: 1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira.

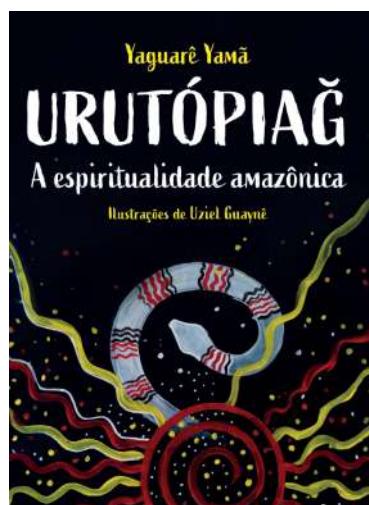


Figura 24: *Urutópiag - Yaguarê Yamâ*

4.3.13 Título: *Urutópiag-A Espiritualidade Amazônica*

Autor: Yaguarê Yamã

Ilustrador: Uziel Guaynê

Edição: 3

Ano: 2023

ISBN 9786598079727

Formato: Brochura e capa dura - 21 x 14 cm

Resumo: Urutópiag: a espiritualidade amazônica – bem maior, mais profundo e mais ousado – relata a face de uma Amazônia misteriosa e que insiste em se manter viva, ainda que escondida atrás de outras religiões – as ocidentais, ou as miscigenadas a elas.

Aqui, falarei sobre coisas que, quem sabe, você nunca ouviu falar nem imaginou ser; sobre algo antigo, mas ao mesmo tempo novo e que vai despertar em você novas ideias, novas formas de crença, em um momento em que é cada vez mais proposta uma brasiliade do ser – uma busca pelas culturas brasileiras de fato, pela raiz do nosso povo.

Eis a Urutópiā – a religiosidade dos pajés, dos espíritos da floresta – em sua versão mais original possível, viva e vivenciada pelas forças da preservação e da manutenção dessa fé antiga, que se recusa a desaparecer

Público: Adultos

Categoria: Espiritualidade.

Tema: Indígenas da América do Sul – Religião e mitologia. 2. Povos originários – Espiritualidade. 3. Mawé (Povo indígena) - Religião e mitologia



Figura 25: *Quando Eu Caçava Tatu* - Tiago Nhadeva

4.3.14 Título: *Quando Eu Caçava Tatu*

Autor: Tiago Nhadeva

Ilustrador: Carolina Mancini

Edição: 2

Ano: 2023

ISBN 9786598079734

Formato: Brochura - 21 x 14 cm

Resumo: UM LIVRO SOBRE CAÇA? OU UM LIVRO DE MEMÓRIAS?

Nestas páginas, leitor, você conhecerá um pouco sobre mim, Tiago, mas, principalmente, sobre algumas de minhas vivências e dos kunumingwé – jovens da etnia Guarani Nhandewa, à qual pertenço. Aqui, euuento aventuras de meu tempo de kunumí, na aldeia, mas que podem refletir as brincadeiras e as peripécias de meninos e meninas de qualquer lugar, com a diferença de que, nestas histórias, imprimo hábitos e costumes do meu povo. Sente-se em roda e venha comigo desbravar matas em busca de tatu, pescar e mergulhar nos rios da minha tekoá. Quando eu caçava tatu é meu convite para que você faça parte das minhas aventuras, não importa a sua idade ou onde more a sua criança interior.

Público: Infanto-juvenil

Categoria: Memórias e biografias.

Tema: 1. Autobiografia. 2. Indígenas da América do Sul – Brasil - Biografia. 3. Memórias. 4. Histórias de vida.

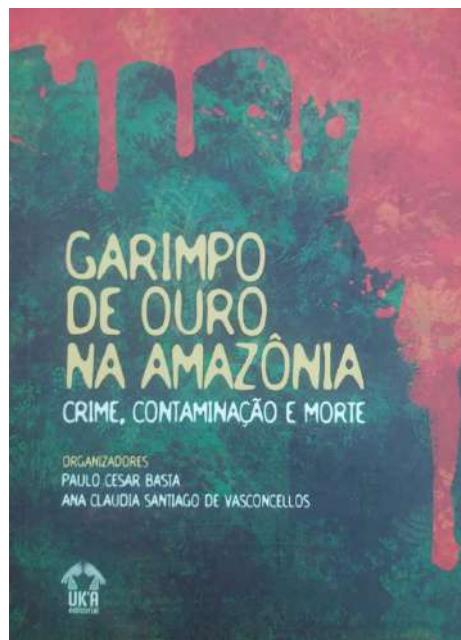


Figura 26 : Garimpo na Amazônia

4.3.15 Título: *Garimpo de Ouro na Amazônia – Crime, Contaminação e Morte*

Organização: Paulo Cesar Basta e Ana Cláudia Santiago de Vasconcelos

Ilustração: Maurício Negro

Edição: 1

Ano 2023

ISBN : 9786598079703

Formato: Brochura - 21 x 14 cm

Resumo: Este livro, escrito por muitas mãos, condensa a luta dos povos tradicionais, da sociedade civil organizada, das instituições de pesquisa e dos órgãos do sistema de justiça por uma sociedade livre das mazelas socioambientais geradas pelo garimpo de ouro. No centro do debate está a contaminação mercurial das populações indígenas - especialmente atingidas pelo garimpo - como os povos Munduruku, Kayapó e Yanomami.

Público: Adulto

Patrocínio: WWF

Pesquisa: ENSP Escola Nacional de Saúde Pública - Ministério da Saúde, FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz

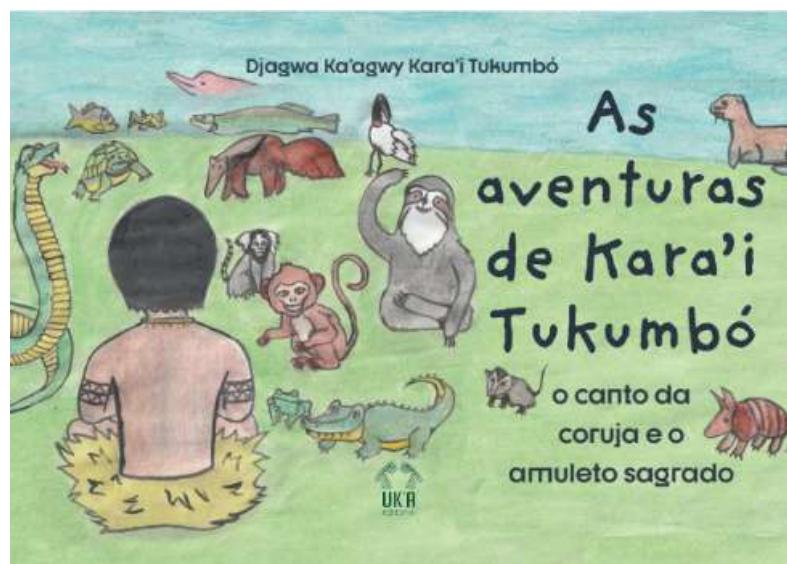


Figura 27 - *As Aventuras de Karaí Tukumbó-Djagwá Ka'agwy Karaí Tukumbó*

4.3.16 Título: *As Aventuras de Karaí Tukumbó - O Canto da Coruja e o Amuleto Sagrado*

Autor: Djagwá Ka'agwy Karaí Tukumbó

Ilustrador: Sabrina Maria da Costa Araújo

Edição: 1

Ano: 2024

ISBN: 978-65-980797-6-5

Formato: Brochura - 21 x 14 cm

Resumo: A Coruja ou Urucure'a é um símbolo sagrado guarani e neste conto temos o encontro do pequeno Kara'í Tukumbó com três corujas que trazem um presente e uma missão. Um mergulho no modo de vida e nos desafios do povo Guarani para preservar a natureza, sua cultura e espiritualidade na visão do pequeno kyringué.

Neste livro as ilustrações são feitas para serem reproduzidas pelas crianças.

Público: Infantil

Categoria : Meio- ambiente , sustentabilidade.

1. Contos. 2. Indígenas da América do Sul - Brasil - Literatura infantojuvenil.

#### 4.4 Editais

Em 2023, em pleno processo de independência, a UK'A Editorial entrou definitivamente nos prelos e editais literários, seu Diretor Presidente, Daniel Munduruku, já havia sido contemplado em diversos editais com obras publicadas em outras editoras e decidiu trazer ainda mais possibilidades para os livros de autoria indígena; Apesar de ter em sua maioria livros infantis e infanto-juvenis, a UK'A tem o objetivo de amplificar todas as vozes originárias.

Em setembro de 2023 , os livros para o edital da biblioteca municipal de São Paulo foram entregues, eram eles: *Das Coisas que Aprendi* e *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* somando juntos 40 mil livros.

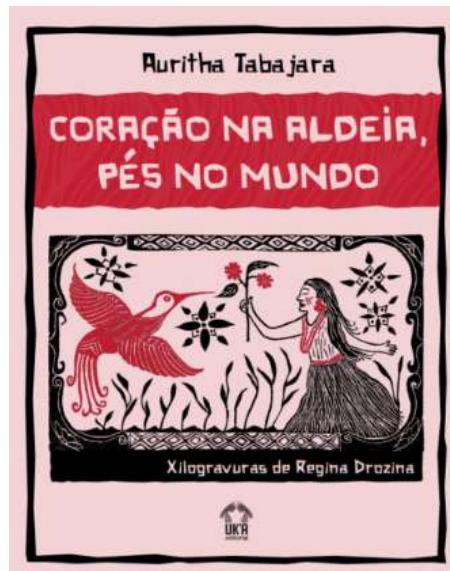


Figura 28: *Coração na Aldeia, Pés no Mundo* - Auritha Tabajara



Figura 29: *Das Coisas que Aprendi* - Daniel Munduruku e *O Lugar do Saber Ancestral* - Márcia Kambeba

Em janeiro de 2024, mais um edital foi contemplado, desta vez para a prefeitura de Belo Horizonte-MG, mais 5000 unidades de *Das Coisas que Aprendi*, que foram entregues em julho de 2024.

Em julho de 2024, novo edital da prefeitura de Belo Horizonte- MG é contemplado, outros 5000 livros previstos para serem entregues em janeiro de 2025. Desta vez ,da obra *O Lugar do Saber Ancestral*.

Considerando a Lei 11.645/08, a tendência é que cada vez mais os livros indígenas serão contemplados em editais literários e a dispersão da cultura originária tende a aumentar. Dos mais de 300 povos do Brasil, somente 17 tinham alguma publicação até 2020, segundo Roni Lopes do Nascimento (2023) em sua tese *Mapeamento de escritores indígenas na literatura brasileira contemporânea (2015 a 2020)*.

#### 4.5 Processos editoriais

Os processos editoriais, em se considerando publicações indígenas, sofrem alguns ajustes importantes. Um dos principais é o cuidado, na seleção de originais, com o próprio formato e contexto das histórias indígenas, que não são lendas ou folclore, mas, sim, a tradução para a palavra escrita da cultura destes povos. Não é, portanto, possível usar a régua da literatura ocidental para pautá-los. O conceito, nomeado de “oralitura” de Leda Maria Martins (1997) pode ser perfeitamente empregado ao tratar do livro indígena brasileiro. A UK’A Editorial leva em consideração estas diretrizes para a adaptação dos processos editoriais clássicos à luz da pauta indígena.

##### 4.5.1 Colofão

Na composição do colofão é importante respeitar as grafias e nomes dos profissionais indígenas envolvidos, considerando que diversas etnias não usam as letras maiúsculas e minúsculas da forma usual. Em textos multilíngues, o tradutor e revisor indígenas devem estar colocados antes dos mesmos profissionais da língua portuguesa, evidenciando a importância e o destaque aos responsáveis pela tradução transcultural do texto.

##### 4.5.2 Ficha catalográfica

O processo de catalogação é o que vai fazer o livro indígena ser encontrado nas bibliotecas, muitas obras vêm classificadas como folclore, lendas ou apenas literatura infantil, produzindo apagamento da literatura originária. Com o intuito de evitar este desvanecimento e valorizar a obra originária brasileira, o livro deve ser classificado como Literatura Indígena infanto juvenil, Literatura Indígena brasileira e/ou indígenas da América do Sul, além das demais classificações que pertencerem à obra.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

---

L697a

Lima, Claudino Djagwá Ka'agwy Kara'í Tukumbó, 1962-

As aventuras de Kara'í Tukumbó : o canto da coruja e o amuleto sagrado / Claudino Djagwá Ka'agwy Kara'í Tukumbó Lima ; [coordenação Mayra Blaz, Gabriela Costa ; ilustração Sabrina Maria da Costa Araújo]. - 1. ed. - Lorena [SP] : UK'A Editorial, 2024.

112 p. : il. ; 14 cm.

ISBN 978-65-980797-6-5

1. Contos. 2. Indígenas da América do Sul - Brasil - Literatura infantojuvenil. I. Blaz, Mayra. II. Costa, Gabriela. III. Araújo, Sabrina Maria da Costa. IV. Título.

24-88367

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(81)



Figura 30: modelo de ficha catalográfica

#### 4.5.3 Revisão de texto

O cuidado com a grafia dos nomes, lugares, objetos e referências usados pelos autores indígenas é respeitado, o uso de letras diferentes para a reprodução de fonemas próprios acompanha o modo como o povo descrito os utiliza, sem tentativas de normatizar para a gramática oficial da língua portuguesa, processo editorial comum à maioria das casas editoriais, mas que retira da obra sua autenticidade, desrespeita a diversidade linguística das populações indígenas, reproduzindo um modelo colonial de tratamento a essas expressões.

#### 4.5.4 Seleção de originais

Todas as publicações da UK'A Editorial são de autores indígenas. Na seleção dos originais a estrutura do texto é avaliada em paralelo com o modo de contar histórias da etnia em questão, trazendo para as páginas uma experiência fidedigna, sem caricaturização ou clichês colonizados sobre os povos originários. A famosa “Jornada do Herói” de Campbell (1997) não se constrói e as narrativas apresentam, em sua maioria, elementos circulares e muitas vezes sem a temporalidade início - meio - fim. Não existe o Amanhã para a maioria das etnias brasileiras, o Ontem é ensinamento e o Hoje é um presente, os livros da UK'A Editorial tem o compromisso de trazer a cosmogonia originária e mesmo na produção, o tempo indígena é o que pauta os processos.

#### 4.5.5 Adequação da grafia

O aplicativo Linklado, desenvolvido no Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) permite a criação de representações gráficas para fonemas que ainda não foram estabelecidos na forma escrita e é uma ferramenta poderosa na construção do texto indígena. O uso das letras k, x, w, y nos nomes originários são herança do nheengatu, língua desenvolvida a partir do tupinambá e presente em toda região amazônica estendida. A grafia adotada pela UK'A é aquela com a qual o autor se identifica, sendo o uso do Linklado e de tradutores originários, pessoas que vivem nas comunidades e usam o idioma corriqueiramente, ferramentas valiosas na construção de um livro o mais fidedigno possível, evitando ao máximo corroborar com quaisquer preconceitos linguísticos.

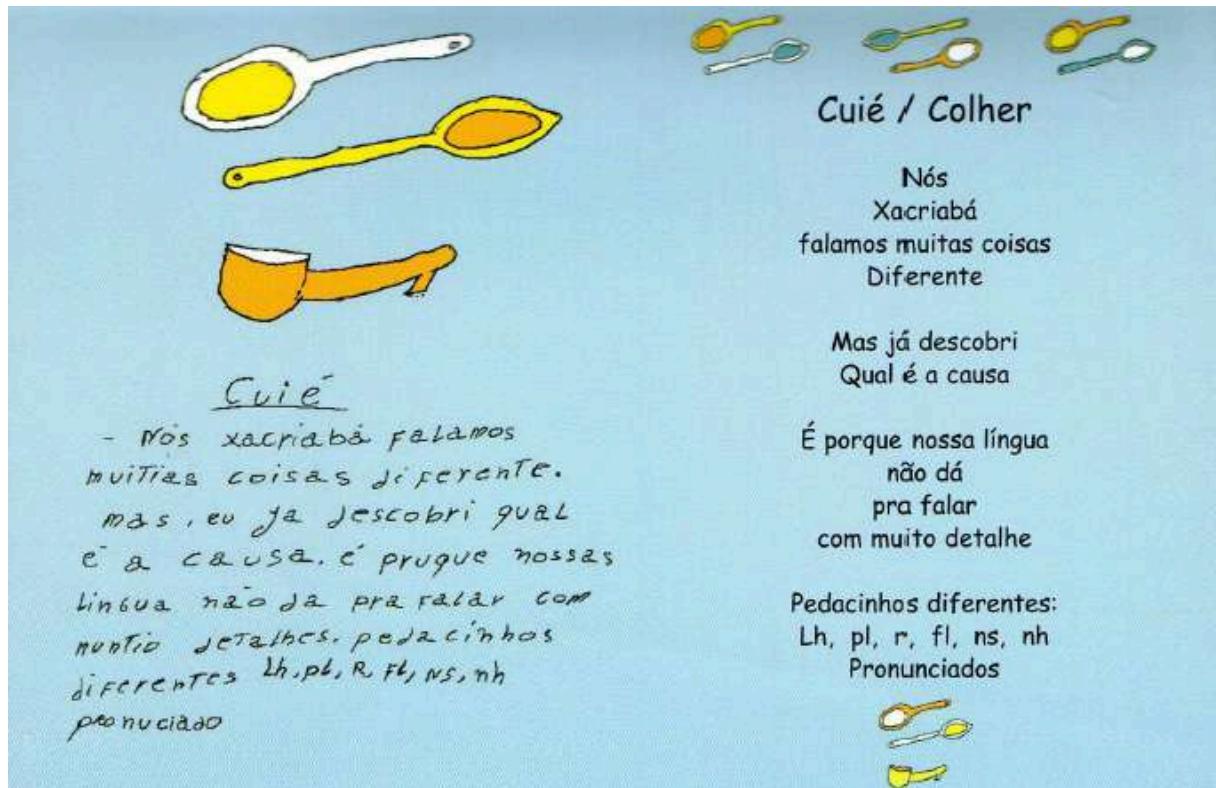


Figura 31: Cartões de “Revelando os conhecimentos”. Os poemas dos alunos e seus desenhos ligam o texto no dialeto xakriabá ao texto no português padrão (Fonte: Lima,2012)



Figura 32: Exemplo do teclado do Linklado

#### 4.5.5.1 Textos bilíngues

O trabalho com textos bilíngues é muito recorrente em uma editora étnica como a UK'A Editorial. As adequações da linguagem oral originária para textos escritos também passam pela experiência do autor e do tradutor da obra; Existe mais de um dialeto nas diversas línguas

indígenas brasileiras e essas assincronias podem prejudicar o estabelecimento do texto, principalmente quando o texto original será publicado junto com o texto em língua portuguesa; Assim sendo, é de suma importância que o tradutor tenha vivência com o grupo étnico do autor.

**"Itaybibit cicāat karosakaybu, oceburereyū jopku iğuycūğ cicā o'e wuyuyūyū  
xipat'ūmayū teku oceipi mu'ūm'ūm ip o'e buye, ipacūğ iūm ibit ocewebe iat.**

**Ekay jijā oceju, ewebe ocedaxijo am, ocetabēğ mabuk ocedop am.  
O'e du owebe ebuywat am?"**

**"Grande sábio Karusakaibo, nosso povo está muito triste porque homens  
maus estão acabando com a terra que o Senhor nos deu de presente.  
Estamos precisando de sua ajuda para que possamos continuar vivos. Será  
que o Senhor poderia nos ajudar?"**

***KabáDarebu***



Figura 33: Exemplo de texto bilíngue

#### 4.5.6 Traduções transculturais

O entendimento do que é a escrita depende de fatores culturais; As comunidades nativas possuem diversos tipos de registro , que são considerados tipos de escrita, como as

iconografias de significados pré-determinados conhecidas como pictografias e até mesmo a comunicação feita por nós do povo inca. Miçangas, pinturas, danças, artesanato, entre outras manifestações fazem parte das histórias ancestrais e do universo imagético originário e adaptar esta miríade de representações para um texto no objeto livro transforma a tradução em um processo transcultural (Jacob, 2023).

Na percepção dos indígenas, a diferença entre realidade e fantasia é pouco evidenciada, as narrativas sendo parte da cultura ancestral, integrando jogos e cantos, com função de entretenimento e ou educacional.

O processo de tradução clássico abrange as tradições de origem europeia, e a elas somente, havendo muito ruído nas traduções contemporâneas asiáticas ou mesmo dos épicos ancestrais do oriente médio, o qual é limitante para a literatura em geral.

A UK'A, entende que um texto indígena já é um processo de tradução; Mesmo que ele tenha sido originalmente escrito em língua portuguesa, o pensar originário está sendo colocado em uma língua imposta pelo colonizador; Levando em consideração as fortes marcas de oralidade dos textos indígenas, mesmo o livro que não é bilíngue terá um estabelecimento de texto transculturalmente traduzido para um formato publicável, no qual a materialidade do livro é a barreira da adaptação.

#### 4.5.7 Ilustração

As ilustrações são pensadas para que as pessoas que ainda não leem ou pouco leem, possam olhar o livro e entendê-lo, assim, o texto revisado é entregue ao ilustrador para que ele termine de “traduzir”, a ilustração como uma forma de tradução transcultural, aos moldes da referência de Maria Campbell (Gingell, 2004)

O ilustrador é um coautor especial no que tange à Literatura Indígena, é a sua interpretação que trará o movimento que falta no texto escrito, mas que é abundante na oralidade. Favorecer ilustradores originários ou com muita experiência e convivência com povos indígenas é um elemento essencial na construção de uma obra fidedigna. O processo de leitura do original e a ilustração subsequente são partes indissociáveis da obra; Com a diretriz de ter o máximo possível de ilustradores indígenas, a UK'A tem a premissa de deixar o artista livre para interpretar o texto e conversar com o autor, com o mínimo de interferência externa possível, buscando as vozes autênticas nas letras e nas imagens, dos povos originários brasileiros; Os

cronogramas levam em consideração a região de moradia e o próprio tempo de produção de cada artista, se adequando ao processo indígena ao invés de adequá-lo aos processos clássicos, objetivando o máximo de fidelidade possível na tradução transcultural da oratura indígena.

#### 4.5.8 Tempo e autoria

A concepção do tempo indígena difere visceralmente do tempo ocidental; O conto indígena *Ceuci - A Mãe do Pranto*, escrito por Cristino Wapichana traz uma alegoria que ilustra com sucesso tais diferenças. É uma lenda do povo Anambé, natural do norte do Pará, e já extinto há cerca de 100 anos. Nela, um curumim (menino, na língua tupi) sai para pescar na floresta que comia tudo o que via pela frente. O suspense é construído baseado nos conceitos de pressa, futuro e tempo, algo do qual não se pode fugir nem tampouco acelerar. O tempo indígena é cíclico e é harmônico com a natureza, faz parte da produção do livro originário o respeito às questões culturais díspares sobre o tempo.



Figura 34 : *Ceuci - A Mãe do Pranto* - Cristino Wapichana

Ademais , alguns questionamentos sobre a autoria, direitos e propriedade dessas histórias são necessários, pois é essencial saber “quem realmente está escrevendo sobre a cultura indígena?

A quem devem ser pagos os direitos autorais das histórias indígenas". Essas questões apresentadas são mensuráveis tanto quanto reflexivas e, assim, precisam estar em constantes debates pelos próprios indígenas, estudiosos, pesquisadores, ONGs e editoras, a fim de evitar que o mercado editorial continue repetindo equívocos sobre a história desses povos, quando, por seus anseios, publicam textos que reforçam o preconceito e discriminação aos indígenas. Além disso, talvez esse seja um dos motivos pelos quais os escritores e escritoras indígenas se utilizam da literatura como subterfúgio para desmistificar a história à qual foram submetidos nos últimos 521 anos.

#### 4.5.9 Diagramação, design e gráfica

Não existem grandes diferenças nos processos industriais de finalização, sendo a UK'A parceira de diversos designers étnicos, a ABaeterno, e da gráfica Edelbra; É um objetivo futuro a construção de toda uma rede de processos indígena, mas ainda não é uma realidade, devido a escassez de profissionais indígenas qualificados; Os impactos da política de cotas estão começando a surgir e a tendência é que consigamos cumprir esse objetivo.

#### 4.6 Feiras e eventos literários

A UK'A Editorial participou da Feira de Bolonha (Itália) de 2024, construindo pontes e parcerias com distribuidores e agentes literários internacionais, visando a publicação de suas obras para outras culturas; Já para a feira de Bolonha de 2025, a UK'A está convidada para expor suas obras no *stand* do Brasil e seu Diretor Presidente, Daniel Munduruku é um dos indicados para o Prêmio Astrid Lindgren, que será entregue durante a feira em primeiro de abril de 2025.

A editora participa de eventos indígenas, exposições no SESC, feiras literárias diversas a convite de seus organizadores, e o maior percentual de venda direta da editora é feito durante estes eventos.

#### 4.7 Vendas

A receita de editora é híbrida, tendo uma parcela importante alocada em editais literários; A parceria com a Livraria Maracá é muito frutífera para as compras online e o montante de vendas diretas em feiras e eventos é substancial. A editora não trabalha com vendas por consignação, tendo um volume de tiragens por volta de 2.000 livros por edição e o custo médio de produção, por livro, de 20 mil reais, sendo o livro mais caro orçado em 42 mil reais, uma tradução de um sucesso indígena canadense às vésperas do lançamento. O tempo de recuperação do investimento é de cerca de 3 anos, desconsiderando os montantes de venda governamental.

## 5 CONCLUSÃO

O livro é a arte da dobra, e para além da dobra, existem múltiplas formas de contar histórias e construir culturas. O Brasil é um país extremamente diverso e com um passado violento, passado este no qual os povos originários sofreram e sofrem violências inadmissíveis. De tradição oral, os povos indígenas vêm perdendo suas anciões, suas linguagens, suas culturas e ancestralidade. Nesta conjuntura, a transposição para o objeto livro da riqueza cultural dos Povos da Terra é um ato de reparação e de valorização da cultura nacional.

Adequar os processos editoriais para preservarmos nossa história é urgente, assim como, rever a forma colonizada de fazer livros.

O livro indígena infantil é uma porta de entrada, porém todo livro indígena é para todos, e a folclorização de suas cosmogonias e cosmologias uma tentativa de silenciamento.

A existência de editoras étnicas como a UK'A é parte das atitudes de conciliação e de construção do respeito à alteridade, promoção de coletividade, bibliodiversidade e de um convívio mais harmônico.

O momento é promissor; Uma pesquisa mais profunda sobre o livro indígena e como editá-lo é um ótimo próximo passo, para além desta introdução ao tema.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, Unicamp, 1992.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília:Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

\_\_\_\_\_. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL. Disponível em:

[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_2ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf). Acesso em: 18 ago. 2024.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 10 jun 2024.

CAMPBELL, Joseph. O Herói de Mil Faces. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1997.

COSTA, Marta Aparecida Pereira da Rocha. Edições de literatura indígena no Brasil: visibilidades e opacidades. *Gutenberg - Revista de Produção Editorial*, Santa Maria, RS, Brasil, v. 1, n. 1, p. 76-97, jan./jun. 2021. Submissão: 10 dez. 2020; Publicação: 23 jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/gutenberg/article/view/63504/html>. Acesso em: 16 set. 2024.

CURADORIA LITERATURA INDÍGENA, Editora Peirópolis,2020  
<https://www.editorapeiropolis.com.br/curadoria-literatura-indigena/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

DORRICO, Julie. Vozes da Literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária. In: DORRICO, Julie et al. (org.). *Literatura indígena brasileira contemporânea. Criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <http://www.editorafi.org/438indigena>. Acesso em: 6 set. 2024.

GINGELL, Susan. One small medicine: an interview with Maria Campbell. *Essays on Canadian Writing*, Toronto, v.83, p.188-205, Fall 2004

GRAÚNA, Graça. Literatura indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto. *Educação & Linguagem*, v. 15, n. 25, p. 266-276, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/EL/article/viewFile/3357/3078>. Acesso em: 23 out. 2024.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da Literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

HUNT, Peter. *Children's Literature: An Illustrated History*. Oxford University Press, 1995.

INSTITUTO UK'A, Instituto UK'A, 2010 <https://institutouka.blogspot.com/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

JACOB, Lívia Penedo. *As Duras Penas: O índio na literatura e a literatura indígena*. Chapecó, SC: Argos, 2023.

LEITE, Stella F. A Literatura indígena nas editoras comerciais brasileiras. Viva Voz, Fale/UFMG, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: [https://labed-letras-ufmg.com.br/wpcontent/uploads/2021/08/A-literatura-indigena-nas-editoras-comerciaisbrasileiras\\_pdfinterativo.pdf](https://labed-letras-ufmg.com.br/wpcontent/uploads/2021/08/A-literatura-indigena-nas-editoras-comerciaisbrasileiras_pdfinterativo.pdf). Acesso em: 30 set. 2024.

LIMA, Amanda Machado Alves de. *O livro indígena e suas múltiplas grafias*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-8TUL8Q>

LINKLADO O primeiro teclado digital para línguas indígenas amazônicas, 2022 <https://www.linklado.com/> Acesso em 21 nov. 2024

LITERATERRAS, Núcleo transdisciplinar de pesquisa em tradução, edição e publicação de textos de autoria indígena. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: [https://issuu.com/literaterras/docs/livro\\_encontro\\_traducoes](https://issuu.com/literaterras/docs/livro_encontro_traducoes). Acesso em: 10 nov. 2024.

LITERATURA INDÍGENA RESISTÊNCIA E RECONHECIMENTO, Uemasul, 2024 <https://www.uemasul.edu.br/literatura-indigena-resistencia-e-reconhecimento/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

LITERATURA PRODUZIDA POR INDÍGENAS, Rádio Senado,2021  
<https://www12.senado.leg.br/radio/1/autores-e-livros/2021/12/17/literatura-produzida-por-indigenas>. Acesso em: 18 nov. 2024.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MOREIRA, Terezinha Taborda. *Da oratura à oralitura: a travessia da palavra nas aventuras da letra*. Aletria, Belo Horizonte, v. 33, n. 3, p. 229-250, 2023. Disponível em: <XX-33-3-2023-DOS-Moreira-Oratura.pdf>.

MUNDURUKU, Daniel. *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2012.

\_\_\_\_\_. *Mundurukando I: sobre saberes e utopias*. Participação de Ceiça Almeida. 2 ed.ampl. e atual. Lorena: UK'A Editorial, 2020.

NASCIMENTO, Roní Lopes. *Mapeamento de escritores indígenas na literatura brasileira contemporânea (2015 a 2020)*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional,2023. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/5416/1/Ron%C3%ad%20Lopes%20Nascimento%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>

OLSON,David R. *O Mundo no Papel: As Implicações Conceituais e Cognitivas da Leitura e da Escrita*. São Paulo : Ática 1997

PANORAMA DA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA, Literaturars,2019  
<https://literaturars.com.br/2019/07/01/panorama-da-literatura-indigena-brasileira-entrevista-com-julie-dorrico/>. Acesso em: 20 out. 2024.

RODA DE CONVERSA - CONCEIÇÃO EVARISTO E LEDA MARTINS, Saberes e práticas,2021

<https://saberespraticas.cenpec.org.br/noticias/roda-de-conversa-conceicao-evaristo-leda-martins#:~:text=Oralitura%20de%20Leda%20Martins&text=Uma%20das%20maiores%20pensadoras%20brasileiras,perform%C3%A1ticas%20culturais%20como%20os%20cangados>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SHAVININA, Larisa V. (Ed.). *The Routledge International Handbook of Innovation Education*. Routledge, 2013.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Tradução Roberto G. Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

SOUZA, Ely Ribeiro. Literatura indígena e direitos autorais. In: DORRICO, Julie et al. (org.). *Literatura indígena brasileira contemporânea. Criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <http://www.editorafi.org/438indigena>. Acesso em: 5 jul 2024.

THIÉL, Janice Cristine. A literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade). Acesso em: 23 ago. 2024.